

HISTÓRIA COMPARADA

IMPÉRIOS

Volume 4 - Roma, Pártia, Han e Cuchana: impérios conectados

Mediterrâneo, Irã, Índia e China - fronteiras, rotas e coexistência

Mediterrâneo, Irã, Índia e China (c. 30 a.C.-300 d.C.) | Edição Definitiva 2026

Texto original com referências acadêmicas e roteiro de estudo

Leonel Edmundo Junior

Apresentação

Entre o final do século I a.C. e o século III d.C., quatro grandes formações imperiais ocuparam extensas faixas da Afro-Eurásia. Roma dominava o Mediterrâneo e avançava pela Europa, pelo norte da África e pelo Oriente Próximo. A Pártia arsácida articulava a Mesopotâmia, o planalto iraniano e corredores centro-asiáticos. A dinastia Han governava grande parte da China e disputava as bordas setentrionais e ocidentais com confederações e reinos móveis. Entre a Ásia Central e o norte do subcontinente indiano, o poder cuchana reuniu territórios, moedas, idiomas e tradições religiosas diversas.

Esses impérios não formavam quatro blocos fechados nem uma cadeia comercial perfeitamente contínua. Raramente autoridades romanas e Han se encontraram diretamente; mercadores, enviados, marinheiros, comunidades de oásis e reinos intermediários faziam a maior parte das conexões. Produtos podiam atravessar enormes distâncias sem que um único viajante percorresse todo o caminho. A seda chinesa chegava ao Mediterrâneo, o vidro romano circulava a leste, moedas e modelos monetários cruzavam mares e montanhas, e o budismo avançava por redes que não se reduziam ao comércio.

O objetivo deste volume é explicar como esses impérios coexistiram, como governaram populações heterogêneas, como construíram fronteiras e como suas crises se relacionaram sem supor uma causa mundial única. Roma, Pártia, Han e Cuchana serão comparados em suas próprias escalas documentais. O texto também inclui os Xiongnu, os reinos do Tarim, a Armênia, Palmira, o reino de Axum, os portos do mar Vermelho e comunidades da Índia, porque uma história conectada não pode transformar os intermediários em simples espaços vazios.

Pergunta central

Como Roma, Pártia, Han e Cuchana governaram sociedades vastas e heterogêneas, construíram fronteiras e participaram de redes afro-eurasiáticas sem formar um único sistema político - e por que suas crises e transformações entre os séculos II e III não podem ser explicadas por uma única causa?

Como usar este volume

Cada capítulo responde a cinco perguntas recorrentes: que evidência possuímos; como o poder se expandiu; como foi exercido; quem colaborou ou resistiu; e o que permaneceu depois da crise. As leituras-base ao final de cada capítulo indicam pontos de partida, não uma lista exaustiva. Os apêndices reúnem cronologia, fotografias de coexistência, matrizes comparativas, glossário e atividades de análise de fontes.

O volume adota um método comparativo controlado. Comparar não significa declarar Roma e Han idênticos nem medir todos os impérios por uma única escala. A comparação serve para produzir perguntas: por que Roma governou tanto por cidades e elites locais, enquanto Han investiu mais numa administração territorial de comandâncias e condados? Como a Pártia preservou casas aristocráticas e reinos subordinados? Por que moedas e inscrições são tão decisivas para a história cuchana?

Autoria, pesquisa e uso editorial

O texto, a estrutura explicativa, as sínteses e as comparações deste volume foram redigidos originalmente para esta coleção. Fatos históricos, nomes e datas pertencem ao conhecimento histórico; interpretações e sínteses foram construídas a partir da bibliografia indicada. O apoio de inteligência artificial foi utilizado como ferramenta de pesquisa, organização, verificação e revisão editorial, sob direção e edição de Leonel Edmundo Junior.

O conteúdo pode servir de base para estudo, aulas, roteiros e publicações em blog. Ao adaptá-lo, é recomendável manter a bibliografia, verificar novamente datas controversas e distinguir fontes primárias de estudos modernos.

Convenções

a.C. significa antes da Era Comum; d.C., depois do início da Era Comum. Não existe ano zero na cronologia histórica convencional.

Roma designa aqui o Império Romano e suas sociedades provinciais, não apenas a cidade de Roma. O Principado foi uma monarquia construída dentro de instituições e vocabulários republicanos.

Han Ocidental, ou Anterior, estende-se de 202 a.C. a 9 d.C.; a dinastia Xin de Wang Mang, de 9 a 23; Han Oriental, ou Posterior, de 25 a 220. O recorte deste volume começa em 30 a.C., mas inclui antecedentes indispensáveis.

Pártia designa o império governado pela dinastia arsácida. Seus limites e centros mudaram, e muitas regiões conservaram dinastias e instituições próprias.

Cuchana é a forma portuguesa usada para Kushan. A cronologia dos primeiros reis e a data inicial da era de Canisca foram muito debatidas. O texto apresenta a cronologia hoje mais utilizada, iniciada em 127/128 d.C., e assinala onde permanecem dúvidas.

“Rota da Seda” é uma expressão moderna. O volume prefere “rotas da seda” ou “redes afro-eurasiáticas” para destacar múltiplos caminhos terrestres, fluviais e marítimos.

Fronteiras são tratadas como zonas de fortificação, negociação, migração, cultivo, comércio e conflito, não como linhas nacionais modernas.

Sumário

Apresentação.....	2
Mapa dos 14 volumes da coleção.....	5
1. Evidências, calendários e escalas de comparação.....	6
2. O mundo por volta de 30 a.C.....	8
3. Augusto e a construção do Principado.....	11
4. Governar o Império Romano.....	13
5. Sociedade, economia e pertencimentos no mundo romano.....	16
6. A Pártia arsácida: realeza, casas e cidades.....	18
7. Roma e Pártia: guerra, diplomacia e Armênia.....	21
8. Han: imperador, burocracia e território.....	23
9. Fronteiras Han: Xiongnu, Hexi e Regiões Ocidentais.....	25
10. Sociedade, economia e crise no mundo Han.....	27
11. A formação do Império Cuchana.....	29
12. Governo, moedas, línguas e religiões cuchanas.....	32
13. Rotas afro-eurasiáticas: intermediários, mercadorias e ideias.....	34
14. O longo século II: apogeu, limites e epidemias.....	36
15. O século III e a transformação da ordem imperial.....	38
16. Comparação, controvérsias e roteiro de estudo.....	41
Apêndice A. Cronologia analítica.....	44
Apêndice B. Quadros de coexistência.....	47
Apêndice C. Matrizes comparativas.....	48
Apêndice D. Glossário essencial.....	50
Apêndice E. Laboratório de fontes e atividades.....	52
Bibliografia comentada.....	55
Fontes digitais, cursos e documentários sérios.....	59

Mapa dos 14 volumes da coleção

A coleção principal percorre mais de quatro milênios de história imperial. Os recortes abaixo são pontos de observação comparativa: processos atravessam as fronteiras entre volumes e, quando necessário, os livros se sobrepõem deliberadamente.

Volume	Recorte	Função no percurso da coleção
1	Fundamentos	Como surgem, funcionam e se transformam: método comparativo, poder, administração, economia, legitimidade, resistência e transformação.
2	c. 2350-539 a.C.	Primeiros impérios da Antiguidade: Mesopotâmia, Egito, Anatólia e Levante.
3	c. 559-30 a.C.	Da Pérsia aos reinos helenísticos: Aquemênidas, Alexandre, sucessores e conexões mediterrânicas e asiáticas.
4	c. 30 a.C.-300 d.C.	Roma, Pártia, Han e Cuchana: impérios conectados entre Mediterrâneo, Irã, Índia e China.
5	c. 224-650	Roma tardia, Sassânidas, Guptas e confederações das estepes: transformação da ordem antiga.
6	c. 600-1000	Califados, Bizâncio, Tang e novas formações imperiais: universalidades, fragmentação e redes.
7	c. 1000-1300	Song, sultanatos, cruzadas e expansão mongol: muitos centros e conexões afro-eurasiáticas, com comparação americana.
8	c. 1300-1500	Da fragmentação mongol às novas potências: epidemias, redes globais e recomposição política.
9	c. 1500-1700	Conexões oceânicas e impérios da primeira modernidade: conquista, comércio, trabalho forçado e resistência.
10	c. 1700-1850	Impérios, revoluções, industrialização e novas colonizações: reformas, emancipações e transformação do trabalho.
11	c. 1850-1914	Industrialização, nacionalismos e imperialismo de alta intensidade: conquistas, migrações e resistências.
12	c. 1914-1945	Guerras mundiais, revoluções e crise dos impérios: fascismos, colonialismos e autodeterminação.
13	c. 1945-1991	Descolonização, Guerra Fria e novos imperialismos: superpotências, revoluções e soberanias incompletas.
14	c. 1991-2026	Globalização, ordem unipolar e impérios em rede: intervenções, finanças, tecnologia e novas rivalidades.

Nota de periodização: os limites entre volumes não são “paredes” cronológicas. Sobreposições preservam continuidade quando uma transformação pertence simultaneamente ao encerramento de uma ordem e à formação de outra.

1. Evidências, calendários e escalas de comparação

1.1 Quatro impérios, quatro arquivos

O período é abundantemente documentado, mas as evidências não são distribuídas de modo uniforme. Para Roma, possuímos obras históricas, biografias, discursos, cartas, tratados, inscrições, papiros, moedas, leis, edifícios, estradas, acampamentos, naufrágios e depósitos ambientais. A abundância cria a ilusão de transparência. Autores senatoriais como Tácito e Cássio Dio observavam o poder imperial a partir de conflitos das elites; inscrições públicas apresentavam decisões e honras; papiros egípcios preservam a rotina administrativa de uma região excepcionalmente favorável à conservação.

Para Han, histórias dinásticas como o Shiji, o Hanshu e o Hou Hanshu organizam séculos de acontecimentos, instituições e biografias. Foram compostas em contextos diferentes e incorporam documentos anteriores. Manuscritos em bambu, madeira e seda, descobertos em tumbas, poços e postos de fronteira, ampliaram muito o conhecimento sobre leis, contas, correspondência e vida administrativa. Tumbas, cidades, sistemas hidráulicos, lacres e objetos funerários revelam dimensões sociais que as narrativas cortesãs não priorizavam.

A história arsácida é reconstruída de maneira mais fragmentária. Narrativas greco-romanas descrevem a Pártia sobretudo quando ela entra no campo visual de Roma. Moedas oferecem sequências régias, títulos e oficinas; tabuinhas de Nisa, documentos de Avroman, textos babilônicos, inscrições e cidades como Hatra e Dura Europos revelam outras perspectivas. A escassez de uma narrativa contínua produz cronologias discutidas e exige cuidado para não converter silêncio documental em fraqueza política.

Para os cuchanas, moedas e inscrições são decisivas. Textos chineses descrevem os Yuezhi e reinos ocidentais; a inscrição bactriana de Rabatak esclarece uma genealogia dinástica e a linguagem régia de Canisca; inscrições em carósti, brami e bactriano registram doações, datas e autoridades; sítios de Bactriana, Gandara e norte da Índia preservam cidades, santuários e arte. A evidência é multilíngue e dispersa entre fronteiras modernas, o que tornou sua interpretação especialmente complexa.

Regra de método: Quanto mais desigual o arquivo, menos legítimo é usar a quantidade de textos como medida da capacidade de um império. Roma não era necessariamente mais organizada porque deixou mais narrativas contínuas, e a Pártia não era desorganizada porque sua documentação sobreviveu de outra forma.

1.2 Autores, arquivos e silêncios

Toda fonte foi produzida por alguém, para uma finalidade e em determinada relação com o poder. As *Res Gestae* apresentam o balanço público que Augusto desejava deixar. Um memorial Han aconselhava o trono e podia transformar rivais políticos em exemplos morais. Uma moeda arsácida precisava ser reconhecida como instrumento de autoridade e troca. Uma dedicação budista cuchana registrava mérito, patronato e comunidade, não um relatório administrativo geral.

O silêncio também é histórico, mas não possui significado automático. Poucas referências diretas entre Roma e Han não provam isolamento; indicam que contatos indiretos e conhecimentos parciais eram mais comuns. A ausência de arquivos centrais partos pode resultar de condições de preservação, de formas de administração e de histórias posteriores de escavação. A concentração de inscrições cuchanas em certos corredores não significa que apenas esses lugares eram governados.

Uma síntese responsável cruza quatro níveis: discursos de legitimidade; registros operacionais; cultura material; e consequências observáveis no território. Quando esses níveis convergem, a confiança aumenta. Quando divergem, a divergência deve aparecer no texto.

1.3 Calendários e sincronismos

Roma datava por consulados, anos de poder tribúncio, reinados e eras locais. Documentos Han empregavam nomes de eras proclamados pelos imperadores. Reis partos aparecem em séries monetárias e textos datados por sistemas regionais. Inscrições cuchanas registram anos cuja era de referência precisou ser reconstruída.

Uma data aparentemente simples pode esconder problemas. “Ano 1 de Canisca” só se torna 127/128 d.C. se aceitarmos a identificação da era; essa solução é hoje influente, mas o debate historiográfico faz parte do objeto. A embaixada descrita por fontes chinesas em 166 d.C. pode ter sido composta por mercadores que se apresentaram como representantes do governante de Da Qin, termo associado ao mundo romano. A data é segura dentro da história Han; a natureza diplomática do encontro é discutida.

1.4 Escalas: corte, província, corredor e aldeia

O poder imperial não operava na mesma intensidade em todo lugar. Na corte, sucessão, cerimônias e acesso ao governante definiam recursos. Na província ou comandância, governadores, oficiais, conselhos urbanos e registros convertiam ordens em obrigações. Nos corredores, fortalezas, estações, mercados, caravanistas e guarnições controlavam movimentos. Nas aldeias, famílias pagavam impostos, forneciam trabalho, serviam no exército, recorriam a tribunais ou evitavam agentes do governo.

As escalas precisam ser combinadas. Uma decisão imperial pode existir apenas se oficiais locais tiverem capacidade de aplicá-la. Uma comunidade pode cumprir o imposto e conservar língua, culto e direito próprios. Um reino subordinado pode reconhecer um soberano, emitir moeda e conduzir parte de sua política. A soberania antiga era frequentemente graduada.

1.5 Comparar sem construir uma corrida

Comparações populares perguntam qual império era maior, mais rico ou mais avançado. Essas perguntas dependem de estimativas incertas e categorias modernas. Superfície máxima não mede presença estatal; população estimada não revela distribuição de renda; número de funcionários não equivale automaticamente a eficácia.

Este volume compara mecanismos: recrutamento; transmissão de ordens; fiscalidade; relação com cidades e aristocracias; administração de diferenças; produção da legitimidade; organização das fronteiras; e resposta a crises. O resultado não é um ranking, mas um mapa de alternativas imperiais.

1.6 Perguntas-guia

- Qual fonte sustenta a afirmação e o que ela não consegue demonstrar?
- O governo era direto, delegado ou exercido por influência e tributo?
- Quem registrava pessoas, terras, impostos e obrigações?
- Como a distância era enfrentada por estradas, correios, rios, portos e intermediários?
- Quais grupos ganhavam com a ordem imperial e quais custos recaíam sobre famílias e comunidades?
- A crise destruiu a instituição, mudou a dinastia ou reorganizou a escala do poder?

Leituras-base do capítulo: Scheidel, ed., *Rome and China*; Bang e Bayly, eds., *Tributary Empires*; Morris e Scheidel, eds., *The Dynamics of Ancient Empires*; Hansen, *The Silk Road*.

2. O mundo por volta de 30 a.C.

2.1 Depois das monarquias helenísticas

Em 30 a.C., a anexação do Egito ptolomaico por Otaviano encerrou a última grande monarquia formada diretamente após Alexandre, mas não eliminou a ordem helenística. O grego permaneceu língua de cidades, comércio, administração e cultura no Mediterrâneo oriental e além. Reinos, ligas, templos e elites locais continuaram operando dentro do domínio romano. A conquista não substituiu sociedades inteiras; redirecionou receita, comando militar e legitimidade.

Roma havia vencido guerras civis que envolveram todo o Mediterrâneo. O problema central de Otaviano era transformar vitória pessoal, exércitos leais e poderes extraordinários numa ordem transmissível. Sua solução seria o Principado: instituições republicanas preservadas, mas concentradas em torno de uma casa governante, do controle militar e de uma autoridade superior.

2.2 A Pártia como grande potência

A leste do Eufrates, os arsácidas governavam um império que não pode ser descrito como simples sucessor enfraquecido dos selêucidas. Sua força combinava linhagem régia, cavalaria, centros mesopotâmicos, famílias aristocráticas, dinastias regionais e capacidade de controlar corredores iranianos. Ctesifonte e Selêucia do Tigre formavam um complexo central importante, mas o império possuía múltiplos polos.

A derrota de Crasso em Carras, em 53 a.C., demonstrara que a expansão romana encontrava um adversário capaz de destruir um exército invasor. A campanha de Marco Antônio em 36 a.C. também fracassou. Em 20 a.C., Augusto recuperaria por negociação os estandartes romanos capturados, apresentando o acordo como vitória. O episódio mostra como cerimônia e propaganda podiam transformar diplomacia em conquista simbólica.

2.3 Han e o problema das fronteiras

Em 30 a.C., Han Ocidental era um império estabelecido havia mais de 170 anos. Sua história incluía consolidação após o colapso Qin, redução e controle de reinos internos, expansão sob o imperador Wu, guerras e acordos com os Xiongnu, ocupação do corredor de Hexi e envolvimento nos reinos das Regiões Ocidentais.

O governo combinava corte imperial, uma administração territorial de comandâncias e condados e reinos concedidos a membros da casa Liu, progressivamente limitados. Registros de famílias, terras e obrigações davam ao Estado uma presença documental significativa. Essa capacidade tinha custos: campanhas, transporte, colonização militar, impostos e trabalho obrigatório pressionavam comunidades e tesouro.

Os Xiongnu não eram uma periferia desorganizada. Formavam uma confederação imperial da estepe, capaz de negociar, combater, receber presentes e organizar alianças. A relação Han-Xiongnu alternou guerra, casamento diplomático, comércio regulado, deserções e divisão interna. Explicar Han sem os Xiongnu seria como explicar Roma sem povos germânicos, dácios, partos e reinos clientes.

2.4 Os Yuezhi e a Ásia Central

Os grupos que fontes chinesas chamam de Yuezhi haviam sido deslocados para oeste em processos ligados à expansão Xiongnu. Parte deles alcançou Bactriana, região marcada por heranças aquemênidas, helenísticas e locais. As fontes chinesas descrevem cinco xihou, frequentemente entendidos como chefes ou principados. Um deles, associado aos Guishuang, daria origem à dinastia conhecida como cuchana.

Não existia ainda, em 30 a.C., um Império Cuchana plenamente consolidado nas dimensões do século II d.C. Havia, porém, os componentes de sua formação: grupos móveis, elites guerreiras, cidades bactrianas, rotas, produção monetária e conexões com o norte da Índia. A transformação foi gradual, e termos étnicos e dinásticos mudaram de sentido ao longo do processo.

2.5 O oceano Índico e o mar Vermelho

As conexões de longa distância não dependiam apenas de caravanas. A incorporação do Egito deu a Roma acesso direto a portos do mar Vermelho e ao sistema fiscal ptolomaico. Navegadores conheciam os ritmos das monções, ainda que autores posteriores tenham associado esse saber a personagens específicos. Embarcações ligavam o Egito, a Arábia, o Chifre da África e portos da Índia ocidental.

O Periplus do Mar Eritreu, provavelmente do século I d.C., descreve portos, produtos, governantes e práticas comerciais desse espaço. Seu mundo inclui aromáticos, marfim, tecidos, vinho, metais, pedras, escravizados e produtos cotidianos. A seda era valiosa, mas nunca foi a única mercadoria.

Recorte	Roma	Pártia	Han	Ásia cuchana
30 a.C.	Otaviano incorpora o Egito	Arsácidas controlam Mesopotâmia e Irã	Han Ocidental consolidado	Yuezhi em Bactriana; unificação posterior
Centro político	Roma e corte itinerante	múltiplos polos; Ctesifonte-Selêucia	Chang'an	Bactriana e corredores indo-afegãos
Problema estratégico	fim das guerras civis	sucessão e fronteira ocidental	Xiongnu e custo da expansão	formação dinástica e controle de rotas
Recurso conectivo	Mediterrâneo e mar Vermelho	corredores mesopotâmicos e iranianos	Hexi e Regiões Ocidentais	passagens entre Ásia Central e Índia

2.6 Uma coexistência sem equilíbrio fixo

Os quatro impérios não surgiram ao mesmo tempo nem possuíam fronteiras comuns em toda a extensão. Roma e Pártia se enfrentaram diretamente; Han e Cuchana negociaram e disputaram influência por intermediários; Pártia e Cuchana compartilharam corredores e repertórios; Roma e Han se conheceram por informações filtradas.

O mapa de 30 a.C. é, portanto, um ponto de partida. Nas três centúrias seguintes, Roma alcançaria sua maior extensão territorial e depois enfrentaria guerras civis e invasões; a Pártia seria substituída pelos sassânidas; Han cairia e daria lugar a reinos rivais; o poder cuchana se expandiria e se fragmentaria. A simultaneidade torna possível comparar, mas não obriga a procurar uma única curva universal.

Leituras-base do capítulo: Woolf, *Rome: An Empire's Story*; Overtoom, *Reign of Arrows*; Lewis, *The Early Chinese Empires*; Benjamin, *Empires of Ancient Eurasia*.

3. Augusto e a construção do Principado

3.1 De triunviro a princeps

Após Ácio e a morte de Antônio e Cleópatra, Otaviano controlava os exércitos, a riqueza do Egito e as principais decisões. Uma monarquia declarada, porém, evocaria César e o medo de reis. Entre 27 e 23 a.C., acordos com o Senado reorganizaram seus poderes. O título Augusto, a autoridade tribunícia, o imperium superior e o comando prolongado de províncias com grandes contingentes permitiram-lhe governar como primeiro cidadão e chefe militar.

O sistema não restaurou a República no sentido anterior. Ele preservou magistraturas, Senado, assembleias, vocabulário e competição aristocrática, mas mudou o lugar onde se concentravam armas, patronato e decisão. O princeps controlava acesso a comandos, honras e recursos. Sua casa tornava-se instituição política.

3.2 Exército permanente e colonização

As guerras civis haviam mobilizado exércitos enormes. Augusto desmobilizou muitos soldados, estabeleceu veteranos em colônias e fixou um exército profissional menor, distribuído sobretudo nas fronteiras. Legiões de cidadãos e unidades auxiliares recrutadas entre provinciais constituíam forças complementares. Após serviço, auxiliares podiam receber cidadania, documentada mais tarde por diplomas militares.

O exército era instrumento de defesa, conquista e governo. Construía estradas, consumia cereal e animais, estimulava mercados, transferia dinheiro e fixava comunidades em torno de acampamentos. Também cobrava um preço: recrutamento, requisições, deslocamentos e violência de conquista atingiam populações de modo desigual.

Um tesouro militar e novas receitas ajudaram a financiar soldos e recompensas. O sistema não era um orçamento moderno unificado; receitas imperiais, provinciais, urbanas e patrimoniais se cruzavam. Mesmo assim, a capacidade de pagar tropas regularmente foi essencial para reduzir o modelo de generais sustentados por pilhagem e promessas pessoais.

3.3 Províncias, governadores e cidades

As províncias foram convencionalmente divididas entre aquelas administradas sob autoridade senatorial e as sob comando do imperador. Na prática, ambas pertenciam à ordem do Principado, e o imperador podia intervir. Governadores combinavam comando, justiça e supervisão fiscal; oficiais financeiros, procuradores, comunidades e contratadores executavam partes do trabalho.

Roma governava com poucos administradores centrais em relação ao tamanho do território. Cidades, conselhos, magistrados e notáveis locais registravam propriedades, coletavam impostos, mantinham obras, financiavam cultos e representavam comunidades. Essa delegação reduzia custos e incorporava elites, mas podia converter desigualdades locais em mecanismos imperiais. Um conselho municipal não era apenas vítima ou agente de Roma: defendia privilégios próprios, disputava recursos e transferia obrigações para grupos menos poderosos.

3.4 Família, sucessão e dinastia

O Principado nasceu sem regra sucessória clara. Augusto promoveu sucessivamente parentes, genros e filhos adotivos. Mortes e conflitos reduziram opções até que Tibério, filho de Lívia e adotado por Augusto, se tornasse herdeiro. A adoção romana podia criar vínculo político real, mas não eliminava competição entre ramos familiares, guardas, Senado e exército.

O casamento, a reprodução e a moral familiar foram assuntos políticos. Leis augustanas tentaram regular matrimônio e adultério entre cidadãos, premiar descendência e reorganizar costumes das elites. A distância entre programa e prática foi grande. Ainda assim, as leis revelam a ambição do regime de transformar a casa imperial em modelo de ordem social.

Mulheres da família imperial não ocupavam magistraturas, mas exerciam patronato, acumulavam riqueza, apareciam em imagens e ligavam linhagens. Lívia, Júlia, Agripina e outras foram centrais para alianças e memórias dinásticas. Reduzi-las a intrigas palacianas repete o viés de autores antigos.

3.5 Monumentos, culto e informação

Augusto transformou Roma por templos, fóruns, estátuas, calendários e cerimônias. Monumentos não eram propaganda em sentido simples: organizavam experiências, memórias e hierarquias. A Ara Pacis associava família, religião e paz; o Fórum de Augusto conectava a nova casa à história republicana; moedas distribuíam imagens por regiões distantes.

Nas províncias, o culto ao governante e a Roma assumiu formas locais. Altares e templos criavam espaços de competição entre cidades e elites. O culto não exigia que todos acreditassem numa mesma teologia. Era linguagem de lealdade, benefício, presença e ordem. Comunidades podiam adaptar o repertório imperial a tradições próprias.

3.6 Expansão e limites

O regime conquistou o noroeste da Hispânia, avançou nos Alpes, Bálcãs e Germânia e consolidou reinos clientes. Em 9 d.C., a derrota de Varo na floresta de Teutoburgo destruiu três legiões e limitou projetos de ocupação além do Reno. O acontecimento não criou uma fronteira fixa de uma vez, mas alterou prioridades.

No Oriente, Augusto preferiu combinar províncias, reinos clientes e negociação com a Pártia. A recuperação dos estandartes de Carras em 20 a.C. foi celebrada como submissão parta, embora resultasse de acordo. A distância entre acontecimento e representação é uma chave do Principado.

Tese central: Augusto não inventou sozinho o Império Romano. Ele reuniu conquistas republicanas, instituições cívicas, riqueza provincial, trabalho escravizado, exércitos e colaboração aristocrática numa monarquia durável cuja novidade era apresentada como restauração.

Leituras-base do capítulo: Eck, *The Age of Augustus*; Galinsky, *Augustan Culture*; Ando, *Imperial Ideology and Provincial Loyalty*; Lintott, *Imperium Romanum*.

4. Governar o Império Romano

4.1 Uma administração de baixa densidade

Roma não possuía um ministério central com funcionários suficientes para governar diretamente cada aldeia. A administração imperial era pequena e dependia de camadas: imperador e conselheiros; Senado e ordens sociais; governadores e procuradores; exército; cidades e comunidades; famílias locais; agentes privados. A força do sistema estava em transformar interesses locais em capacidade de governo.

Essa baixa densidade não significa Estado ausente. Onde importavam impostos, ordem, justiça, abastecimento e segurança, a autoridade podia ser severa. O governo acumulava cadastros, censos, petições, precedentes e correspondência. Intervenções, porém, eram seletivas. A maioria das disputas começava em instituições locais; chegar ao imperador exigia recursos, patronos e caminhos jurídicos.

4.2 Província não era uniformidade

Uma província reunia comunidades com estatutos diferentes. Colônias de cidadãos, municípios, cidades livres, comunidades tributárias, territórios militares, templos e reinos clientes podiam coexistir. O direito romano convivia com leis locais e práticas costumeiras. O status de uma pessoa dependia de cidadania, liberdade, origem, gênero, família e comunidade.

Governadores publicavam éditos, julgavam casos e comunicavam-se com cidades. O exemplo das cartas entre Plínio, governador da Bitínia-Ponto, e Trajano mostra decisões sobre finanças urbanas, associações, obras, acusações e cultos. Não deve ser tomado como manual universal: revela um governador específico, numa província específica, sob um imperador específico.

4.3 Fiscalidade e abastecimento

Impostos sobre terra e pessoas variavam regionalmente. Alfândegas, minas, heranças, vendas, portos e propriedades imperiais forneciam receitas. O Egito, com documentação e controle particulares, não representa automaticamente todas as províncias. A cobrança podia ser realizada por oficiais públicos, cidades ou contratadores, e os métodos mudaram durante os três séculos.

O imposto não servia apenas à corte. Financiava tropas, administração, estradas, correio, distribuições e obras. Ao mesmo tempo, transferia recursos das comunidades e podia aprofundar desigualdades. O abastecimento de Roma e dos exércitos conectava o Nilo, o norte da África, a Sicília, a Hispânia e outras regiões a mercados e requisições.

Falar em “economia romana” não significa mercado nacional integrado nos moldes modernos. Custos de transporte eram altos; mares e rios favoreciam cargas pesadas; estradas serviam prioritariamente a pessoas, animais, mensagens e mercadorias de maior valor. Mercados locais e regionais continuaram fundamentais.

4.4 Correio, estradas e informação

O *cursus publicus* organizava transporte oficial por estações, animais e autorizações. Não era serviço postal aberto a todos. Governadores, militares e mensageiros podiam mover ordens com rapidez relativa, mas abusos de requisição recaíam sobre comunidades responsáveis por fornecer animais e hospedagem.

Marcos miliários, pontes e estradas tornavam visível a autoridade. A rede não foi construída de uma vez e aproveitou caminhos anteriores. No mar, a navegação dependia de estações, ventos, portos e risco. Distância não desapareceu: o governo administrava atrasos, autonomia operacional e informação incompleta.

4.5 Exército e fronteira

Os exércitos concentravam-se no Reno, Danúbio, Eufrates, norte da África e outras zonas estratégicas. “Limes” pode designar caminho, limite ou sistema fronteiriço; não era uma muralha contínua ao redor do império. Fortes, torres, rios, estradas, patrulhas, acordos e mercados compunham fronteiras diferentes.

A Muralha de Adriano, iniciada na Britânia em 122 d.C., controlava movimento e projetava poder, mas não isolava dois mundos. Civis, comerciantes, famílias de soldados e populações vizinhas interagiam. Tabuinhas de Vindolanda preservam convites, listas e pedidos, lembrando que a fronteira era também espaço doméstico.

As unidades auxiliares recrutavam provinciais e podiam servir longe da região de origem. Essa mobilidade difundia técnicas, cultos e vínculos, sem produzir uma identidade uniforme. Soldados continuavam ligados a famílias e comunidades e podiam formar novas redes locais.

4.6 Justiça, petição e cidadania

A cidadania romana oferecia direitos e prestígio, mas nunca garantia igualdade social. Ao longo do Principado, indivíduos e comunidades receberam cidadania por serviço, concessão, manumissão ou promoção cívica. Elites provinciais entraram no Senado e na ordem equestre. Em 212 d.C., a Constitutio Antoniniana de Caracala concedeu cidadania à maioria dos habitantes livres do império.

O alcance da medida é claro; suas motivações exatas são discutidas. Fiscalidade, religião, justiça e universalização da comunidade imperial podem ter contribuído. A concessão não aboliu distinções entre ricos e pobres, livres e escravizados, homens e mulheres, soldados e civis. À medida que a cidadania se difundia, outras hierarquias jurídicas ganhavam peso.

4.7 Governo por negociação e coerção

Roma não sobrevivia apenas porque vencía batalhas. Honras, estatutos, patronato, carreiras, cidadania e proteção davam a grupos locais razões para cooperar. Quando a negociação falhava, o império usava força, confiscava, deslocava e reprimia. Revoltas na Judeia, na Britânia e em outras regiões mostram os limites e custos do pacto imperial.

Colaboração não deve ser tratada como aceitação cultural total. Uma cidade podia celebrar o imperador, pagar impostos e continuar defendendo tradições locais. Resistência também assumia várias formas: guerra aberta, fuga, fraude, petição, recusa, memória religiosa ou disputa jurídica.

Camada	Função recorrente	Recurso	Limite
Centro imperial	comando, nomeações e decisão final	exército, patronato e receitas	sucessão e informação distante
Governador	justiça, segurança e supervisão	imperium e equipe provincial	mandato curto e poucos agentes
Cidade/comunidade	cadastro, cobrança e obras	elites, conselhos e arquivos	rivalidade interna e desigualdade
Exército	defesa, coerção e logística	disciplina, soldo e infraestrutura	custo e lealdade política
Casa/família	produção, imposto e reprodução social	propriedade e redes	vulnerabilidade jurídica e fiscal

Leituras-base do capítulo: Ando, *Imperial Rome AD 193 to 284*; Potter, *The Roman Empire at Bay*; Millar, *The Emperor in the Roman World*; Mattingly, *Imperialism, Power, and Identity*.

5. Sociedade, economia e pertencimentos no mundo romano

5.1 Uma sociedade de ordens e estatutos

O mundo romano era organizado por hierarquias jurídicas e sociais sobrepostas. No topo político, senadores e equestres disputavam comandos, sacerdócios e acesso ao imperador. Notáveis municipais financiavam edifícios, jogos e distribuições em troca de prestígio. A maioria livre vivia do cultivo, do artesanato, do transporte, do pequeno comércio e de serviços. Pessoas escravizadas trabalhavam em casas, campos, minas, oficinas e administração; libertos podiam acumular recursos e vínculos, mas carregavam obrigações e estigmas.

Nenhuma pirâmide simples representa todas as províncias. Uma família rica da Ásia Menor, um veterano na Dácia, uma camponesa no Egito, um mercador de Palmira e um pastor da África Proconsular ocupavam mundos jurídicos e econômicos distintos. Gênero, idade, cidadania, liberdade, riqueza e origem alteravam possibilidades de propriedade, herança, casamento e participação pública.

5.2 Escravidão e dependência

A escravidão foi estrutural, ainda que sua intensidade variasse. Guerras, nascimento, pirataria, comércio e punições alimentaram o sistema. Pessoas escravizadas não constituíam uma classe homogênea: condições de trabalho, proximidade da casa senhorial, possibilidade de pecúlio e manumissão diferiam muito. A diversidade não reduz a coerção fundamental de serem tratadas juridicamente como propriedade.

A manumissão integrava ex-escravizados a relações de patronato. Libertos imperiais ocuparam postos importantes, especialmente no início do Principado; libertos privados participaram de comércio, associações e cultos. Seus filhos livres podiam alcançar estatutos que permaneciam fechados aos pais. O sistema reproduzia dominação e, ao mesmo tempo, criava mobilidades limitadas que reforçavam vínculos com antigos senhores.

Outras dependências incluíam dívida, arrendamento, patronato e trabalho compulsório. “Livre” não significava autonomia econômica. Pequenos agricultores negociavam impostos, rendas, clima e mercado; trabalhadores urbanos dependiam de salários, associações e abastecimento.

5.3 Campo, cidade e produção

A agricultura sustentava a maior parte da população e da receita. Cereais, vinho, azeite, animais, fibras e cultivos regionais circulavam em escalas locais e interprovinciais. Grandes propriedades coexistiam com pequenas explorações, terras cívicas, domínios imperiais e templos. A expansão de vilas e prensas não deve ser interpretada automaticamente como prosperidade compartilhada.

As cidades concentravam administração, culto, mercados e consumo. Roma era excepcional em tamanho e dependência de importações; Alexandria, Antioquia, Cartago, Éfeso e outras metrópoles organizavam redes próprias. Cidades menores conectavam aldeias e autoridades. A urbanização romana não foi apenas exportação de um modelo italiano: comunidades adaptaram fóruns, teatros, banhos e conselhos a paisagens anteriores.

Artesãos fabricavam cerâmica, tecidos, vidro, metais e objetos de uso diário. Algumas produções alcançaram distribuição ampla, mas padronização não implica fábrica moderna. Oficinas, casas e redes de comerciantes podiam responder a demandas militares, urbanas e rurais.

5.4 Moeda, crédito e mercados

Denominações romanas circulavam por grande parte do império, facilitando pagamentos, impostos e preços. A moeda tinha valor metálico, fiscal e político. Retratos imperiais e legendas anunciavam sucessão, vitórias e virtudes. A circulação, contudo, era regionalmente desigual, e pagamentos em espécie continuaram importantes.

Crédito, empréstimos, sociedades e agentes ligavam proprietários e negociantes. Navios enfrentavam riscos significativos, e contratos distribuíam parte desses riscos. O Estado criava demanda por meio do exército, da corte e das cidades, mas não controlava toda atividade econômica. A antiga oposição entre uma economia puramente “primitiva” e um mercado moderno antecipado é insuficiente; é mais útil medir integração por produto, rota, custo e período.

5.5 Línguas e identidades

Latim predominava na administração e no exército do Ocidente; o grego continuou central no Oriente. Egípcio, aramaico, púnico, línguas célticas e muitos idiomas locais permaneceram vivos. Mudanças linguísticas ocorreram por escola, serviço, mobilidade, urbanização, prestígio e necessidade, não por uma política uniforme de substituição.

“Romanização” já foi usada para descrever a adoção progressiva de uma cultura romana. O conceito ainda pode nomear processos específicos, mas se torna enganoso quando pressupõe cultura única enviada por Roma e recebida passivamente. Pessoas provinciais selecionavam práticas, criavam combinações e também transformavam o que contava como romano. O próprio centro incorporou deuses, alimentos, estilos e elites das províncias.

5.6 Religiões e comunidades

A religião pública ligava sacrifícios, festivais, sacerdócios e vida cívica. Cultos domésticos, santuários locais, associações e iniciações criavam outras formas de pertencimento. Ísis, Serápis, Cibele, Júpiter Doliqueno, Mitra e muitas divindades circularam por redes militares e comerciais. “Religião oriental” é categoria ampla demais para explicar práticas diferentes.

Comunidades judaicas existiam dentro e fora do império e mantinham redes, textos e instituições próprias. Conflitos na Judeia resultaram de tributação, governo, rivalidades locais, expectativas religiosas e repressão, não de uma oposição eterna e simples. O cristianismo surgiu como movimento judaico e difundiu-se por cidades e redes mediterrâneas. Nos séculos I a III, as comunidades cristãs foram diversas, e as ações repressivas romanas variaram por lugar e momento antes das perseguições imperiais mais sistemáticas do século III.

5.7 Bem-estar, desigualdade e ambiente

O Principado produziu segurança relativa em rotas e longa estabilidade em muitas regiões, mas “Pax Romana” era uma perspectiva do poder. A paz interna podia depender de conquistas, guarnições e tributação. Epidemias, secas, cheias e terremotos afetavam territórios de modo desigual; respostas dependiam de reservas, caridade, mercados e capacidade política.

Esqueletos, resíduos, pólen, sementes e depósitos portuários ampliam a história além das elites. Esses dados permitem investigar dieta, doença, poluição e uso da terra, mas não autorizam conclusões totais a partir de um sítio. A arqueologia ambiental é mais forte quando combinada a preços, inscrições, assentamentos e comparação regional.

Pergunta para o blog: Em vez de perguntar se “os romanos” eram ricos, escolha uma região, um grupo social e um período. Compare acesso a alimento, terra, justiça, mobilidade e proteção. A resposta será mais precisa e menos mítica.

Leituras-base do capítulo: Scheidel, Morris e Saller, eds., *The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World*; Woolf, *Becoming Roman*; Harper, *Slavery in the Late Roman World, AD 275-425*; Mattingly, *Imperialism, Power, and Identity*.

6. A Pártia arsácida: realza, casas e cidades

6.1 Um império visto por seus rivais

A historiografia sobre a Pártia foi por muito tempo dominada por relatos romanos de guerras, embaixadas e intrigas. Nesses textos, os partos aparecem como inimigos orientais, cavaleiros extraordinários ou monarquia instável. A imagem deve ser corrigida por moedas, documentos e arqueologia, mas não substituída por idealização. O Império Arsácida enfrentava disputas sucessórias reais, mantinha hierarquias e usava coerção; sua duração de quase cinco séculos, contudo, exige explicações mais complexas que “fraqueza”.

O termo Pártia originalmente se referia a uma região do nordeste iraniano. Sob os arsácidas, a dinastia governou territórios muito mais amplos e variados. Reis adotaram o nome dinástico Arsaces em moedas e títulos, produzindo continuidade mesmo quando a sucessão era contestada.

6.2 O Rei dos Reis e a dinastia

O título Rei dos Reis expressava supremacia sobre outros governantes. Não significava comando burocrático uniforme. Reis de Armênia, Caracena, Adiabena, Hatra, Elymais e Pérsis podiam reconhecer graus de autoridade arsácida, emitir moedas, preservar dinastias e alterar alianças conforme o equilíbrio político.

O rei distribuía honras, comandava campanhas, negociava com casas aristocráticas e representava a unidade imperial. A sucessão não seguia primogenitura automática; príncipes, nobres, reis regionais e potências externas interferiam. Roma tentou apoiar pretendentes criados ou acolhidos em seu território. Essa política raramente criou controle duradouro e podia reforçar suspeitas contra o candidato.

As moedas são uma fonte central. Retratos, tiaras, arcos, tronos, títulos gregos e estilos locais permitiam reconhecer autoridade. “Fileleno” em legendas não prova submissão cultural aos gregos; era parte de uma linguagem régia útil em cidades e circuitos monetários herdados do período selêucida.

6.3 Casas aristocráticas e poder militar

Famílias nobres controlavam terras, cavaleiros e redes regionais. Fontes posteriores preservam memórias de grandes casas, mas sua projeção retrospectiva exige cautela. A capacidade militar combinava arqueiros montados, cavalaria protegida, contingentes aliados e forças locais. A vitória em Carras tornou o arqueiro parto um símbolo, porém um império não se mantinha apenas por uma tática.

A relação entre rei e aristocracia oscilava. Casas poderosas podiam decidir sucessões, sustentar revoltas ou defender o regime contra invasões. Essa descentralização dava flexibilidade e também produzia conflitos. O modelo não deve ser medido apenas contra uma suposta centralização romana; Roma também dependia de aristocracias e cidades, embora as articulasse de outra forma.

6.4 Babilônia, Selêucia e Ctesifonte

A Mesopotâmia era um núcleo fiscal, agrícola e urbano. Selêucia do Tigre, fundada pelos selêucidas, preservou instituições cívicas e população diversa. Ctesifonte, na margem oposta, tornou-se residência régia e complexo político. Babilônia continuou produzindo documentos por parte do período, embora suas instituições mudassem.

As cidades não eram recipientes passivos. Comunidades gregas, aramaicas, babilônicas, judaicas e iranianas negociavam estatutos e tributos. Hatra combinava fortificação, santuários, realeza local e conexões árabes e mesopotâmicas. Dura Europos mudou de domínio e preservou uma cultura material extraordinariamente plural.

6.5 Administração por múltiplas autoridades

Documentos de Nisa registram estoques e operações de um centro arsácida inicial. Textos de Avroman mostram contratos e datação. Moedas identificam oficinas e zonas de circulação. Nenhum conjunto revela um organograma completo, mas juntos indicam escrita administrativa, fiscalidade, propriedades e agentes régios.

O império articulava províncias, domínios, cidades e reinos. Governadores e comandantes aparecem com títulos traduzidos de formas diferentes pelas fontes. A variedade não significa ausência de administração; significa que o governo preservava mediações. Em algumas regiões, o poder régio era direto; em outras, dependia de tributo, lealdade e intervenção ocasional.

6.6 Economia e corredores

A Pártia ocupava rotas entre Mediterrâneo, golfo Pérsico, Índia e Ásia Central. Isso não a transformava num pedágio único capaz de fixar o preço de todo comércio entre Roma e China. Mercadorias seguiam caminhos variados, e comunidades locais controlavam etapas. Cidades caravaneiras, navegadores do golfo, mercadores de Palmira e reinos árabes tinham agência própria.

Agricultura mesopotâmica, criação, artesanato e mercados regionais eram mais importantes para a maioria da população que o luxo transcontinental. O fascínio moderno pela seda pode esconder cereal, tâmaras, animais, tecidos comuns e tributos que sustentavam o regime.

6.7 Religiões, línguas e imagens

O império reuniu cultos iranianos, mesopotâmicos, gregos, judaicos e locais. Não há evidência de uma igreja zoroastriana centralizada nos moldes posteriores. Reis mobilizavam repertórios iranianos e helenísticos; cidades representavam divindades de formas combinadas. O chamado “frontalismo parto” na arte descreve convenções visuais que atravessam regiões, não uma essência étnica.

O grego permaneceu visível em moedas e inscrições; línguas aramaicas e iranianas desempenharam papéis amplos; tradições escritas locais continuaram. A pluralidade linguística fazia parte do funcionamento imperial.

Elemento	Capacidade	Mediação	Risco
Rei dos Reis	guerra, diplomacia e legitimação	corte e casas nobres	sucessão contestada
Grande casa	cavaleiros, terra e apoio regional	parentes e clientes	rivalidade com o centro
Reino subordinado	governo local e fronteira	dinastia própria	mudança de aliança
Cidade	receita, mercado e instituições	conselhos, templos e mercadores	conflito interno ou cerco

Leituras-base do capítulo: Curtis e Stewart, eds., *The Age of the Parthians*; Dąbrowa, *The Arsacid Empire*; Shayegan, *Arsacids and Sasanians*; Overtoom, *Reign of Arrows*.

7. Roma e Pártia: guerra, diplomacia e Armênia

7.1 Uma fronteira entre impérios

Roma e Pártia compartilhavam uma zona estratégica da Síria ao Cáucaso e à Mesopotâmia. O Eufrates era referência importante, mas nunca uma divisória absoluta. Reinos e cidades ocupavam o espaço entre as potências, e a Armênia tinha papel central por sua geografia, aristocracia e acesso a corredores.

A rivalidade não foi uma guerra contínua. Longos intervalos de negociação e coexistência separaram campanhas. Embaixadas, reféns dinásticos, casamentos, reconhecimento de reis e encenações públicas constituíam política imperial tão importante quanto batalhas.

7.2 Augusto e os estandartes

Em 20 a.C., Fraates IV devolveu estandartes e prisioneiros ligados às derrotas romanas. Augusto celebrou o resultado em moedas, monumentos e nas *Res Gestae*. A apresentação transformou negociação em restituição de honra. Para o rei parto, o acordo podia aliviar pressão externa e lidar com disputas internas.

O episódio mostra que a mesma transação possuía públicos diferentes. Roma precisava apagar a memória de Carras; a corte arsácida precisava preservar autonomia. A diplomacia funcionou justamente porque permitia narrativas não idênticas.

7.3 Armênia e soberania compartilhada

Roma e Pártia tentaram influenciar a sucessão armênia. Reis armênios precisavam negociar com aristocracias locais e não eram simples fantoches. No século I d.C., a ascensão de Tiridates, irmão do rei parto Vologases I, desencadeou confronto com Roma. Após campanhas conduzidas por Córbulo e negociações, Tiridates viajou a Roma e recebeu de Nero a coroa em 66.

O acordo foi uma solução de dupla legitimidade: um arsácida reinava na Armênia, mas sua investidura era encenada pelo imperador romano. Nenhum lado obtinha soberania exclusiva, e ambos podiam declarar sucesso. A cerimônia revela uma fronteira diplomática composta por hierarquias sobrepostas.

7.4 Trajano e a conquista breve

Em 113-117, Trajano invadiu territórios armênios e partos, tomou Ctesifonte e alcançou o golfo Pérsico. Províncias foram anunciadas, moedas celebraram a submissão e um rei cliente foi instalado. Revoltas, distância, resistência e a morte do imperador tornaram a conquista insustentável. Adriano abandonou grande parte das anexações.

A campanha é frequentemente chamada de máxima extensão romana. O mapa, porém, pode enganar: ocupação militar momentânea não equivale a integração provincial consolidada. A retirada mostra que capacidade de conquistar e capacidade de governar eram problemas diferentes.

7.5 Lúcio Vero, Septímio Severo e as cidades

Nova guerra em 161-166 terminou com forças romanas em Ctesifonte e Selêucia. O retorno dos exércitos coincidiu com a epidemia conhecida como Peste Antonina, mas identificar origem e rota exatas continua difícil. Em 197-198, Septímio Severo novamente tomou Ctesifonte e criou a província da Mesopotâmia em parte da região fronteiriça.

Campanhas repetidas demonstram vulnerabilidade do núcleo ocidental parto, mas também limites romanos: saques e vitórias não produziram anexação completa do império rival. Cidades eram alvos logísticos e simbólicos; suas populações suportavam cercos, mudanças de autoridade e requisições.

7.6 Comércio apesar da rivalidade

Guerras não encerravam toda circulação. Palmira conectava a Síria à Mesopotâmia por caravanas e redes familiares. Inscrições palmirenas registram associações, patronos e rotas. A cidade prosperou dentro do império romano mantendo língua e identidades locais, e seus mercadores operavam em espaços partos.

O comércio não era necessariamente projeto de paz. Exércitos protegiam e consumiam; autoridades cobravam alfândegas; rivais desejavam receita. Uma fronteira podia ser simultaneamente militarizada e permeável.

7.7 O fim arsácida

No início do século III, disputas entre reis arsácidas e a ascensão de Ardashir em Pérsis alteraram o equilíbrio. Em 224, Ardashir derrotou Artabano IV; nos anos seguintes, consolidou a dinastia sassânida. Não foi uma simples invasão externa: uma potência regional dentro da ordem arsácida derrubou a casa dominante e apropriou-se de territórios, títulos e centros.

O novo império iraniano seria mais agressivo em certas formulações de realeza e enfrentaria Roma com renovada capacidade. Mas a passagem de arsácidas a sassânidas também preservou aristocracias, cidades e conflitos anteriores. O fim de uma dinastia não zerou a história imperial iraniana.

Cuidado com o mapa: Não pinte Armênia, Osroena, Hatra e Adiabena como espaços permanentemente romanos ou partos. Mostre datas, formas de dependência e mudanças de aliança.

Leituras-base do capítulo: Schlude, Rome, Parthia, and the Politics of Peace; Edwell, Between Rome and Persia; Millar, The Roman Near East; Overtoom, Reign of Arrows.

8. Han: imperador, burocracia e território

8.1 Herança Qin e adaptação Han

A dinastia Han herdou do Qin um império territorial, escrita administrativa, padronizações e divisão em comandâncias e condados. A memória Han frequentemente representou Qin como regime excessivamente duro, justificando a nova dinastia. Na prática, instituições Qin foram preservadas e modificadas. O governo reduziu algumas exigências, distribuiu reinos a parentes e reconstruiu a capacidade fiscal após a guerra civil.

Durante o século II a.C., o centro limitou progressivamente os reinos e ampliou comandâncias. Sob o imperador Wu, campanhas e monopolizações aumentaram recursos e presença estatal. Quando o recorte principal deste volume começa, Han já era resultado de quase dois séculos de experimentação.

8.2 O Filho do Céu e o mandato

O imperador era centro ritual, político e dinástico. O Mandato do Céu ligava ordem cósmica e capacidade de governar, mas não funcionava como eleição popular. Presságios, desastres e críticas podiam ser interpretados como sinais de falha moral; conselheiros usavam essa linguagem para intervir na política.

O soberano dependia de secretarias, conselheiros, comandantes, parentes, imperatrizes, famílias de consortes e servidores palacianos. Textos oficiais posteriores chamaram alguns agentes internos de “eunucos” e organizaram conflitos morais contra eruditos, mas as coalizões eram mais complexas. A corte era uma instituição, não apenas a personalidade do imperador.

8.3 Comandâncias, condados e reinos

Comandâncias eram governadas por administradores nomeados; condados executavam registro, justiça, cobrança e mobilização. Abaixo deles, chefes e escribas locais conectavam aldeias ao Estado. Reinos concedidos a membros da casa imperial preservavam parte da estrutura, mas seus poderes foram reduzidos ao longo do tempo.

O modelo produzia maior densidade de funcionários territoriais que Roma, embora números exatos e comparações demográficas sejam debatidos. Muitos oficiais eram recrutados por recomendação, reputação, educação e serviço. O sistema de exames padronizados dos períodos posteriores ainda não existia em sua forma madura.

8.4 Documentação e governo

Registros de população, idade, terra e propriedade sustentavam impostos, trabalho e recrutamento. Leis e estatutos detalhavam procedimentos, categorias e penas. Manuscritos de Shuihudi, Zhangjiashan, Juyan e outros sítios mostram formulários, cálculos, calendários e correspondência.

Documentação não garante controle perfeito. Registros podiam estar desatualizados; famílias migravam; notáveis ocultavam dependentes; oficiais manipulavam relatórios. A ambição classificatória do Estado deve ser estudada junto com as falhas operacionais.

8.5 Recrutamento e carreira

Autoridades locais recomendavam homens por qualidades como piedade filial e integridade. Educação clássica ganhou importância crescente, sobretudo na construção posterior da identidade burocrática. Competência documental, conexões familiares e patronato continuaram decisivos.

Funcionários passavam por avaliações e transferências. Evitar que um oficial governasse sua região de origem podia reduzir vínculos locais, mas a distância também o tornava dependente de subordinados. Famílias com tradição de serviço acumulavam conhecimento, casamento e prestígio, aproximando burocracia e aristocracia.

8.6 Fiscalidade, trabalho e exército

Famílias registradas pagavam impostos em moeda e produtos e forneciam trabalho ou serviço conforme período e categoria. Monopólios de sal e ferro, debates sobre sua administração e receitas de terras e mercados mostram que a relação entre Estado e economia era tema político interno.

O exército combinava conscrição, profissionais, colonos militares, forças de fronteira, contingentes aliados e grupos incorporados. Campanhas distantes exigiam animais, cereal e transporte. A expansão podia abrir terras e rotas, mas transferia custos para comunidades e tesouro.

8.7 Capital, províncias e informação

Chang'an foi capital de Han Ocidental; Luoyang, de Han Oriental. Palácios, rituais, arsenais e mercados concentravam recursos. Estradas e estações conectavam o centro, enquanto rios e canais transportavam grandes cargas. Relatórios subiam na hierarquia; éditos e calendários desciam.

O império não era uma máquina imóvel. A passagem entre capitais, a criação e fusão de unidades territoriais e mudanças de títulos mostram adaptação. Comparado a Roma, Han confiava menos em cidades autônomas de tipo mediterrânico e mais em distritos administrativos. Ainda assim, ambos dependiam de famílias locais para tornar o governo efetivo.

Nível	Agente	Operação	Limite
Corte	imperador e órgãos centrais	nomeação, ritual e decisão	facções e sucessão
Comandância	administrador nomeado	supervisão territorial	distância e equipe limitada
Condado	magistrado e escribas	cadastro, justiça e cobrança	dependência de informantes locais
Comunidade	chefes, famílias e notáveis	produção e cumprimento	evasão, migração e desigualdade

Leituras-base do capítulo: Loewe, *The Government of the Qin and Han Empires*; Lewis, *The Early Chinese Empires*; Barbieri-Low e Yates, *Law, State, and Society in Early Imperial China*; Nylan, *The Five “Confucian” Classics*.

9. Fronteiras Han: Xiongnu, Hexi e Regiões Ocidentais

9.1 Han e Xiongnu como impérios rivais

Os Xiongnu formaram uma confederação poderosa nas estepes ao norte. Sua liderança articulava alas, chefes e grupos diversos por distribuição de bens, casamentos e guerra. Fontes Han os descrevem de fora e frequentemente por contraste moral. A arqueologia revela assentamentos, agricultura, metalurgia e conexões que impedem reduzi-los a nômades sem instituições.

No início Han, acordos heqin combinavam casamento diplomático, presentes e mercados. Sob o imperador Wu, o governo lançou campanhas custosas, buscou cavalos, fortaleceu fronteiras e procurou aliados. Vitória e divisão Xiongnu alteraram o equilíbrio, mas não encerraram a autonomia da estepe.

9.2 Zhang Qian e o conhecimento do oeste

Enviado no século II a.C. para buscar aliança com os Yuezhi, Zhang Qian foi detido pelos Xiongnu e depois alcançou regiões ocidentais. Seus relatos, incorporados por Sima Qian e Ban Gu, ampliaram a geografia política disponível à corte. Ele não “abriu” sozinho a Rota da Seda; rotas e trocas eram anteriores. Sua missão conectou informação existente a projetos imperiais Han.

A narrativa de um explorador solitário esconde guias, tradutores, comunidades e redes locais. Conhecimento geográfico era coletivo e interessado: distâncias, produtos e forças políticas ajudavam a planejar alianças, mercados e campanhas.

9.3 O corredor de Hexi

O controle de Hexi ligou o núcleo Han aos oásis e separou grupos Xiongnu de povos ao sul. Comandâncias, muralhas, torres, fazendas militares e postos de correio transformaram a paisagem. Dunhuang tornou-se um centro estratégico.

Madeiras inscritas de postos fronteiriços registram turnos, rações, equipamentos, passagens e cartas. Mostram o império em escala humana: atrasos, objetos perdidos, doenças comuns, famílias separadas e oficiais preocupados com formulários. A fronteira exigia rotina mais que batalhas permanentes.

9.4 As Regiões Ocidentais

O termo Han para Regiões Ocidentais abrangia muitos reinos de oásis e corredores do Tarim e além. Não constituíam uma província homogênea. Loulan, Khotan, Kucha, Kashgar e outros centros possuíam dinastias, línguas, economias e estratégias próprias. Autoridades Han usaram enviados, guarnições, títulos, reféns e alianças; os Xiongnu empregaram instrumentos semelhantes.

O Protetor-Geral das Regiões Ocidentais simbolizava pretensão de coordenação, mas sua capacidade oscilou. Períodos de retirada não encerraram todas as trocas. Reinos locais podiam enviar tributo a mais de uma potência, mudar de lado e explorar rivalidades.

9.5 Ban Chao e o Han Oriental

No século I d.C., Ban Chao restabeleceu influência Han em partes do oeste por campanhas e alianças. Seu filho Ban Yong produziu informações que alimentaram o Hou Hanshu. A narrativa dinástica celebra iniciativa e lealdade, mas os resultados dependeram de forças locais.

Gan Ying foi enviado em 97 d.C. na direção de Da Qin, o mundo romano, e alcançou uma região próxima ao golfo Pérsico antes de retornar. As informações que recebeu passaram por intermediários partos e marítimos. A missão mostra ambição e limites: dois grandes impérios podiam saber um do outro sem manter embaixadas regulares diretas.

9.6 Colonização, ambiente e custo

Fazendas militares buscavam alimentar guarnições localmente. Canais, poços e terras irrigadas sustentavam assentamentos em ambientes áridos. Mudanças ambientais podiam alterar disponibilidade de água e deslocar rotas, mas explicações climáticas precisam de evidência regional e cronológica.

A expansão criava oportunidades para soldados, mercadores e colonos e também expropriação, trabalho e risco. Comunidades fronteiriças não eram apenas barreiras protetoras do centro; tinham interesses próprios e podiam abandonar postos quando o custo se tornava insustentável.

9.7 Fronteira não é oposição entre civilização e barbárie

Textos Han utilizavam categorias culturais para organizar o mundo. Autores romanos faziam o mesmo com “bárbaros”. Essas categorias eram instrumentos políticos, não descrições neutras. Povos da estepe, agricultores, cidades de oásis e oficiais compartilhavam tecnologias, bens e parentesco.

O império incorporava grupos externos por títulos e serviço, enquanto desertores levavam conhecimento para além da fronteira. Em vez de uma muralha entre mundos, existia um campo competitivo de mobilidade.

Exercício de mapa: Marque Hexi, Dunhuang, Loulan, Khotan, Kucha, Kashgar, Ferghana e Bactriana. Depois desenhe ao menos duas rotas alternativas. O objetivo é evitar a falsa imagem de uma estrada única e reta entre Chang'an e Roma.

Leituras-base do capítulo: Di Cosmo, *Ancient China and Its Enemies*; Chang, *The Rise of the Chinese Empire*, vol. 2; Millward, *Eurasian Crossroads*; Yu, *Trade and Expansion in Han China*.

10. Sociedade, economia e crise no mundo Han

10.1 Famílias, gênero e propriedade

A família era unidade de reprodução social, registro e obrigação fiscal. Ideais de hierarquia entre gerações e gêneros conviviam com práticas variadas. Mulheres podiam administrar propriedades, produzir tecidos, participar de rituais, negociar dentro da família e exercer influência na corte. Leis e costumes restringiam possibilidades, mas fontes funerárias e administrativas mostram agência que narrativas políticas frequentemente reduzem.

Casamentos conectavam casas, transferiam bens e organizavam trabalho. Imperatrizes e famílias de consortes podiam dominar nomeações quando herdeiros eram jovens; historiadores posteriores transformaram essas coalizões em lições morais. A crítica deve separar ações documentáveis de estereótipos contra mulheres poderosas.

10.2 Agricultores, grandes famílias e dependentes

O ideal estatal valorizava pequenos agricultores registrados que pagavam impostos e forneciam serviço. Endividamento, divisão de heranças, desastres e compra de terra favoreceram concentração. Grandes famílias protegiam dependentes e podiam ocultá-los dos registros, reduzindo receita pública e ampliando poder local.

“Camponês” não era condição única. Havia proprietários, arrendatários, trabalhadores, dependentes e famílias deslocadas. O Estado podia reduzir tributos após desastre, distribuir cereal ou reassentar populações; a execução dependia de oficiais e estoques.

10.3 Sal, ferro, moeda e debate econômico

As campanhas do imperador Wu estimularam monopólios e controles para financiar o Estado. O debate preservado nos Discursos sobre o Sal e o Ferro contrapõe, em forma literária, defensores de receita e intervenção a críticos que invocavam frugalidade e agricultura. Não é transcrição transparente de posições sociais, mas fonte excepcional sobre escolhas públicas.

Moedas wuzhu circularam por longo período, embora falsificação, fundição privada e mudanças de regime afetassem a oferta. Tecidos, sobretudo seda, podiam funcionar como pagamento e reserva. Mercados eram supervisionados, mas comércio privado e regional permanecia amplo.

10.4 Wang Mang e a dinastia Xin

Wang Mang acumulou autoridade como regente e proclamou a dinastia Xin em 9 d.C. Seu regime apresentou-se como restauração de uma ordem clássica e tentou reformas de moeda, títulos, terra e relações exteriores. As fontes Han, produzidas após a restauração dinástica, tinham razões para caracterizá-lo como usurpador.

As causas de sua queda são discutidas. Reformas instáveis, perda de apoio, conflitos, revoltas e grandes alterações do rio Amarelo contribuíram em combinações debatidas. Reduzir o colapso a um desastre natural ou a um governante excêntrico elimina as estruturas políticas.

Liu Xiu reuniu coalizões, derrotou rivais e restaurou Han como imperador Guangwu em 25. A restauração não retornou simplesmente ao passado. A capital mudou para Luoyang, grandes famílias ganharam peso e instituições se adaptaram às guerras.

10.5 Han Oriental e as elites regionais

Durante Han Oriental, a corte manteve ampla administração e promoveu expansão ocidental em determinados momentos. Famílias com terras, educação e serviço oficial construíram bases regionais. A circulação entre posto público e poder local tornou-se central.

Conflitos entre famílias de consortes, servidores do palácio e funcionários eruditos foram intensificados por sucessões de imperadores jovens. As proscrições partidárias do século II atingiram redes de críticos. Não se tratava de luta entre burocracia pura e corrupção externa, mas de facções que mobilizavam linguagens morais e instituições diferentes.

10.6 Rebeliões e militarização

Em 184, a Rebelião dos Turbantes Amarelos e outros movimentos revelaram tensões religiosas, fiscais e sociais. O governo autorizou comandantes e elites regionais a reunir forças. A repressão não restaurou o monopólio central da violência; generais e governadores conservaram exércitos e territórios.

Após conflitos na capital, comandantes como Dong Zhuo e depois Cao Cao controlaram o imperador e competiram. Em 220, o último soberano Han abdicou em favor de Cao Pi. Shu e Wu reivindicaram outras legitimidades, inaugurando a ordem dos Três Reinos.

10.7 Colapso ou transformação?

Han terminou como dinastia, mas instituições, títulos, textos e ideais imperiais sobreviveram. Governos rivais mantiveram burocracias, leis e calendários. Famílias migraram para o sul; fronteiras e centros econômicos mudaram. A reunificação continuou sendo horizonte legítimo.

Chamar o processo de “queda” é correto para a casa Han, mas insuficiente para sociedade e Estado. A transformação distribuiu autoridade por regiões e abriu séculos de divisão, migração e inovação.

Pressão	Mecanismo	Efeito imediato	Consequência possível
Concentração de terra	dependência e ocultação fiscal	menor base registrada	fortalecimento de grandes famílias
Sucessão palaciana	imperadores jovens e facções	disputa por nomeações	perda de coordenação central
Rebelião	mobilização religiosa e social	emergência militar	autonomia de comandantes
Desastre ambiental	cheias, fome e deslocamento	quebra local de receita	migração e conflito, conforme resposta

Leituras-base do capítulo: Loewe, *Crisis and Conflict in Han China*; de Crespigny, *Fire over Luoyang*; The Cambridge History of China, vol. 1; Lewis, *The Early Chinese Empires*.

11. A formação do Império Cuchana

11.1 O problema do nome

“Cuchana” designa uma dinastia e o império que ela construiu, não uma população imutável. Textos chineses relacionam os Guishuang a uma das divisões dos Grandes Yuezhi. Moedas e inscrições mostram que governantes ampliaram títulos, territórios e repertórios à medida que conquistavam Bactriana, Cabul, Gandara e partes do norte da Índia.

As grafias variam: Kushan em inglês, Kuṣāṇa em transliteração sânscrita, formas bactrianas e chinesas nas fontes. Os nomes de reis também possuem variantes. Este volume usa Kujula Kadphises, Vima Takto, Vima Kadphises, Canisca, Huvisca e Vasudeva, preservando as formas internacionais na bibliografia.

11.2 Dos Yuezhi a Kujula Kadphises

Fontes chinesas narram o deslocamento dos Yuezhi após derrotas diante dos Xiongnu e sua instalação na Bactriana. Essa migração não ocorreu num vazio. A região possuía cidades, agricultura irrigada, moedas e tradições gregas, iranianas e indianas. Grupos recém-chegados negociaram com populações e elites locais.

Kujula Kadphises, provavelmente no século I d.C., unificou ou subordinou outros principados Yuezhi e expandiu-se ao sul do Hindu Kush. Moedas imitaram ou adaptaram tipos de governantes indo-gregos e romanos, revelando públicos monetários diversos. Imitação não significa falsificação: um tipo reconhecido podia ganhar nova legenda e autoridade.

As datas exatas de Kujula permanecem discutidas. A numismática estabelece sequências relativas com mais segurança que anos absolutos. O texto chinês Hou Hanshu foi compilado séculos depois, utilizando materiais anteriores. É necessário cruzá-lo com achados monetários e inscrições.

11.3 Vima Takto e Vima Kadphises

A inscrição de Rabatak ajudou a identificar Vima Takto como governante dinástico, associado a moedas antes atribuídas apenas ao título Soter Megas. Vima Kadphises, seu sucessor e pai de Canisca segundo Rabatak, ampliou emissões de ouro e apresentou-se com títulos grandiosos.

Moedas de ouro cuchanas dialogavam com padrões de peso usados em circuitos ocidentais, mas a relação não deve ser resumida como cópia de Roma. Ouro, tributo, comércio e necessidades régias criaram um sistema próprio. No reverso das moedas, divindades e símbolos comunicavam-se com comunidades de várias tradições.

A expansão para o norte da Índia conectou o poder dinástico a cidades, rotas e santuários. Controle variava: guarnições, governadores, doações, alianças e emissão monetária não se distribuíam igualmente.

11.4 Canisca e a nova era

Canisca I é o rei cuchana mais conhecido. A inscrição bactriana de Rabatak apresenta sua genealogia, títulos, divindades legitimadoras e alcance sobre cidades do norte indiano. Afirma também o início de um “ano um”. Estudos de sincronismos e calendários sustentam amplamente a identificação dessa era com 127/128 d.C., embora a história do debate deva ser lembrada.

Inscrições datadas dos reinados de Canisca, Huvisca e Vasudeva permitem organizar uma sequência. A cronologia não transforma todos os limites territoriais em certezas. Uma inscrição numa cidade demonstra presença ou patronato em determinado contexto; não desenha sozinha a fronteira imperial.

11.5 Capitais e centros

Purushapura, atual Peshawar, foi um centro associado a Canisca e a um grande complexo budista. Mathura era polo político, artístico e religioso no norte da Índia. Begram, na região de Cabul, preservou objetos de origens diversas, embora a interpretação e a datação de seus depósitos sejam discutidas. Bactra e outras cidades centro-asiáticas continuaram essenciais.

Falar em capital única pode impor uma expectativa inadequada. A corte podia deslocar-se entre centros, e diferentes regiões cumpriam funções militares, fiscais, comerciais e rituais. A multiplicidade aproxima os cuchanas de outros impérios compostos.

11.6 Relações com Han e poderes centro-asiáticos

Fontes chinesas registram interações entre os Grandes Yuezhi, Guishuang e Han. Houve embaixadas, presentes, disputas e campanhas associadas às Regiões Ocidentais. Um conflito atribuído à época de Ban Chao mostra que a expansão cuchana encontrava limites em redes Han e locais.

Não existia uma aliança permanente entre Han e Cuchana nem uma guerra contínua. Reinos de oásis e grupos como Kangju influíam nas rotas. Relações mudavam conforme sucessões e campanhas.

11.7 Índia e Ásia Central como centro, não ponte

Narrativas eurocêntricas tratam o Império Cuchana como ponte entre Roma e China. A metáfora reconhece conexão, mas reduz o império a passagem. Para suas populações, os eixos Bactriana-Gandara-Mathura e os circuitos do Indo eram centros de vida política e religiosa.

O poder cuchana reorganizou territórios, criou uma moeda régia reconhecível, patrocinou instituições e facilitou circulação. Seu valor histórico não depende de ter conectado dois impérios considerados maiores.

Governante	Evidência-chave	Processo	Grau de certeza
Kujula Kadphises	moedas e textos chineses	unificação e expansão inicial	sequência segura; datas debatidas
Vima Takto	Rabatak e série monetária	continuidade dinástica	identificação fortalecida por inscrição
Vima Kadphises	moedas de ouro e Rabatak	expansão e titulatura	posição genealógica segura
Canisca I	Rabatak e inscrições datadas	nova era e governo amplo	era iniciada em 127/128 é hoje amplamente utilizada; detalhes territoriais seguem discutidos

Leituras-base do capítulo: Falk, *Kushan Histories*; Cribb e Herrmann, eds., *After Alexander*; Sims-Williams e Cribb, “A New Bactrian Inscription of Kanishka the Great”; Benjamin, *The Yuezhi*.

12. Governo, moedas, línguas e religiões cuchanas

12.1 Governar um espaço multilíngue

O império reunia Bactriana, áreas iranianas orientais, Gandara e planícies norte-indianas. Não existe arquivo administrativo central comparável aos papiros romanos ou às madeiras Han. Governo é reconstruído por títulos, dedicatórias, moedas, arqueologia e padrões regionais.

Termos como sátrapa e grande sátrapa aparecem em inscrições de áreas indianas e podem indicar governadores ou dinastas subordinados. O significado variou; não se deve importar automaticamente o sistema aquemênida. Autoridades urbanas, comunidades religiosas e famílias doadoras realizavam funções que conectavam sociedade e dinastia.

12.2 Bactriano em escrita grega

Os cuchanas empregaram o bactriano, língua iraniana, escrito com alfabeto derivado do grego. A escolha combina herança helenística e afirmação local. A inscrição de Rabatak declara o uso de uma linguagem ariana, interpretada como bactriano, no lugar do grego em certa esfera régia.

Grego não desapareceu imediatamente. Carósti, associado ao gandari, e brami, ligado a idiomas indianos, aparecem em moedas e inscrições. Sânscrito ganhou presença crescente. O multilinguismo não era decoração cosmopolita; permitia que autoridade e doação fossem legíveis em públicos diferentes.

12.3 Moeda como arquivo imperial

As moedas cuchanas são documentos portáteis. Anversos mostram o rei, seu traje, armas, altar ou chamas; reversos apresentam divindades nomeadas. As legendas mudam de grego para bactriano e utilizam títulos como Rei dos Reis. Ouro e cobre atendiam a escalas diferentes de pagamento e circulação.

O panteão monetário inclui divindades com nomes e imagens associados a tradições iranianas, indianas, gregas e mesopotâmicas. Não devemos supor que cada moeda registre fé pessoal do rei ou tolerância moderna. A seleção podia construir soberania abrangente e tornar o dinheiro reconhecível.

Comparar moedas entre reinados revela mudanças em retrato, língua, peso e divindade. Uma peça isolada é menos informativa que série, oficina, local de achado e contexto arqueológico.

12.4 Realeza e divindade

Canisca é legitimado em Rabatak por divindades e apresentado com titulação elevada. Santuários dinásticos como Surkh Kotal ligavam arquitetura, imagem e autoridade. Estátuas régias monumentais, mesmo fragmentárias, projetavam o corpo do rei em espaços cerimoniais.

O conceito de “rei divino” precisa ser usado com precisão. Imagens, epítetos e proteção divina não significam que todos os súditos compartilhassem uma doutrina. A realeza usava vários idiomas religiosos para tornar sua supremacia inteligível.

12.5 Budismo e patronato

O período cuchana foi importante para instituições budistas em Gandara, Mathura e corredores centro-asiáticos. Mosteiros recebiam doações de reis, oficiais, mercadores, mulheres, famílias e artesãos. O patrocínio régio não foi a única causa da difusão nem prova de religião oficial exclusiva.

Canisca foi associado por tradições budistas posteriores a um concílio e a grande devoção. Essas narrativas preservam memória significativa, mas foram compostas em contextos variados. Inscrições contemporâneas e arqueologia oferecem base mais segura para patronato, santuários e comunidades.

A difusão do budismo dependia de tradução, viagem, relíquias, textos, hospitalidade e redes monásticas. Mercadores participavam, porém a fórmula “comércio leva religião” é insuficiente: monges e patronos tinham objetivos próprios.

12.6 Gandara, Mathura e a imagem do Buda

Gandara produziu esculturas que combinam convenções mediterrânicas, iranianas e sul-asiáticas; Mathura desenvolveu repertórios próprios. A antiga ideia de que artistas gregos “inventaram” sozinhos a imagem do Buda simplifica processos múltiplos. Imagens antropomórficas emergiram em centros diferentes e foram moldadas por práticas devocionais e materiais locais.

“Arte greco-budista” pode ser útil se descrever contatos formais específicos. Torna-se problemática quando retira agência de artistas e comunidades sul-asiáticas ou imagina purezas culturais anteriores.

12.7 Comércio e fiscalidade

O ouro cuchana foi muitas vezes ligado ao comércio com Roma. Trocas no oceano Índico e circulação de metais foram importantes, mas a moeda também dependia de tributo, guerra e economias internas. A presença de objeto romano não prova colônia de mercadores romanos; pode resultar de muitas etapas.

Passagens do Hindu Kush, vales fluviais e cidades permitiam cobrar, proteger e participar de fluxos. O Estado podia beneficiar-se das rotas sem administrá-las como companhia comercial. Produtores agrícolas e artesãos sustentavam centros tanto quanto mercadorias luxuosas.

12.8 Fragmentação e heranças

Depois de Vasudeva I, a sequência régia e a extensão de controle tornam-se mais complexas. Poderes sassânidas avançaram sobre partes ocidentais e governantes chamados cuchano-sassânidas emitiram moeda. No norte da Índia, dinastias e poderes locais ganharam autonomia. Reis cuchanas posteriores continuaram em algumas áreas.

Fragmentação não significa desaparecimento imediato. Tipos monetários, arte, comunidades budistas, títulos e redes sobreviveram. A herança cuchana influenciou formações políticas da Ásia Central e do subcontinente.

Regra para imagens: Ao usar uma escultura de Gandara ou uma moeda de Canisca num blog, inclua museu, número de inventário, data aproximada, material, local de origem quando conhecido e licença. A legenda é parte da argumentação, não mero enfeite.

Leituras-base do capítulo: Rosenfield, *The Dynastic Arts of the Kushans*; Errington e Cribb, eds., *The Crossroads of Asia*; Jongeward e Cribb, *Kushan, Kushano-Sasanian, and Kidarite Coins*; Liu, *Ancient India and Ancient China*.

13. Rotas afro-eurasiáticas: intermediários, mercadorias e ideias

13.1 A invenção moderna da Rota da Seda

O termo alemão *Seidenstrassen* ganhou circulação no século XIX. Ele organizou mapas e pesquisas, mas também construiu uma narrativa linear entre “Oriente” e “Ocidente”. Pessoas dos séculos I e II não conheciam uma estrada contínua chamada Rota da Seda. Conheciam trechos, mares, passes, mercados, reinos e perigos.

Usar o plural corrige parte do problema. Havia caminhos ao norte e ao sul do deserto de Taklamakan; rotas por Sogdiana, Bactriana, planalto iraniano e Mesopotâmia; vias do Indo; circuitos do golfo Pérsico; navegação do mar Vermelho e do oceano Índico. Mudanças políticas, água e demanda deslocavam percursos.

13.2 Intermediários invisibilizados

Uma peça de seda encontrada no mundo romano não prova viagem de um mercador Han a Roma. Seda podia passar por comunidades de fronteira, reinos do Tarim, comerciantes centro-asiáticos, territórios cuchanas, partos, palmirenos e portos. Cada transferência alterava preço, significado e informação.

Sogdianos se tornariam ainda mais proeminentes nos séculos posteriores, mas comunidades iranianas já participavam de intercâmbios. Indianos, árabes, egípcios, núbios e habitantes do Chifre da África operavam circuitos marítimos. Tradutores, guias, hospedeiros, financiadores, guardas e autoridades faziam o comércio possível.

13.3 Mercadorias e escalas

Seda, pimenta, aromáticos, pedras, pérolas, marfim, vidro, metais, cavalos, laca e tecidos aparecem nas evidências. Produtos luxuosos sobrevivem em textos e tumbas porque interessavam às elites e arqueólogos; cargas comuns, alimentos e materiais perecíveis são menos visíveis.

Uma mercadoria podia percorrer longa distância em pequenas quantidades e ter grande impacto simbólico sem representar parcela dominante da economia. O comércio transcontinental não deve ser confundido com globalização industrial. Custos e riscos eram altos, e a maioria das pessoas consumia produção local ou regional.

13.4 O oceano Índico

Portos egípcios como Berenice e Mios Hormos ligavam o Nilo ao mar Vermelho por estradas desérticas. Embarcações navegavam para a Arábia e a Índia utilizando ciclos de vento. Muziris, Barygaza e outros portos citados em fontes eram nós dentro de redes sul-asiáticas anteriores à presença romana.

Ânforas, pimenta, contas, vidro e moedas ajudam a reconstruir trocas. Moedas romanas encontradas na Índia podem ter circulado, sido fundidas, perfuradas ou guardadas; sua função deve ser examinada por contexto. O comércio “indo-romano” era realizado por agentes de muitas origens, não apenas cidadãos romanos e indianos.

13.5 Palmira, Petra, Axum e Caracena

Palmira organizou caravanas entre Síria e Mesopotâmia. Petra e o reino nabateu conectaram Arábia, mar Vermelho e Mediterrâneo antes da anexação romana de 106. Caracena controlava áreas próximas à cabeça do golfo Pérsico e portos como Espasinu Cárax. Axum cresceu como potência no Chifre da África ligada ao mar Vermelho.

Esses centros não eram postos menores de Roma ou Pártia. Governantes, conselhos e mercadores tomavam decisões próprias. Uma história em quatro impérios precisa reservar lugar aos poderes que tornavam a conexão possível.

13.6 Conhecimento imperfeito

Autores romanos conheciam os Seres e a seda, mas suas geografias misturavam observação, relato e imaginação. Textos chineses descreviam Da Qin como um império distante com características interpretadas por categorias chinesas. Algumas informações eram notavelmente precisas; outras comprimiam povos e rotas.

Em 166, o Hou Hanshu registra visitantes que chegaram pelo sul e se apresentaram como enviados de Andun, geralmente associado a Antonino Pio ou Marco Aurélio. É possível que fossem mercadores adotando linguagem diplomática. A fonte comprova contato marítimo indireto e conhecimento político; não comprova embaixada estatal romana formal.

13.7 Religiões, técnicas e formas

O budismo deslocou-se da Índia para a Ásia Central e a China por monges, tradutores e patronos. Traduções não apenas substituíam palavras; adaptavam conceitos a novos repertórios. Lokaksema, ativo em Luoyang no século II, é associado a traduções de textos budistas e às origens cuchanas.

Formas artísticas, motivos, instrumentos musicais, plantas e técnicas também circularam. Semelhança visual não prova origem única. O método deve buscar sequência, contexto e mecanismo de transmissão.

13.8 Doenças e conectividade

Redes conectadas podem transportar patógenos, mas reconstruir epidemias antigas é difícil. A Peste Antonina começou no contexto das guerras orientais de Roma; relatos antigos descrevem grande mortalidade, e parte da pesquisa sugere varíola. Não sabemos com segurança onde surgiu nem se atravessou toda a Eurásia.

Fontes Han registram epidemias em diferentes anos. A simultaneidade aproximada não prova uma única pandemia afro-eurasiática. Para sustentar conexão, seriam necessários diagnóstico, cronologia, rota e evidência biológica compatíveis. O volume conserva a hipótese como questão, não conclusão.

Rede	Principais nós	Agentes	Evidência	Cuidado
Tarim-Central	oásis, Dunhuang, Bactriana	enviados, caravanas, reinos	madeiras, textos, objetos	rota variável
Irã-Mesopotâmia	Merv, Ecbátana, Ctesifonte	partos, locais, palmirenos	moedas, inscrições	não reduzir a pedágio
Índico	Egito, Arábia, Índia	marinheiros e mercadores	Periplus, cerâmica, moedas	contexto do achado
Religiosa	Gandara, oásis, Luoyang	monges, patronos, tradutores	inscrições e textos	comércio não explica tudo

Leituras-base do capítulo: Hansen, *The Silk Road*; Liu, *The Silk Road in World History*; Seland, *Ships of the Desert and Ships of the Sea*; McLaughlin, *The Roman Empire and the Indian Ocean*.

14. O longo século II: apogeu, limites e epidemias

14.1 Quatro apogeu que não coincidem perfeitamente

O século II é frequentemente apresentado como apogeu romano. Sob Trajano, Adriano e os Antoninos, o império manteve grande extensão, urbanização e moeda abundante em muitas regiões. Han Oriental possuía instituições duráveis, mas enfrentava facções e pressões crescentes. A Pártia continuava grande potência apesar de invasões. O Império Cuchana alcançava sua maior projeção sob Canisca e sucessores.

“Apogeu” depende do indicador. Extensão territorial, receita, paz interna, produção artística e capacidade militar atingem máximos em momentos diferentes. Uma corte pode celebrar prosperidade enquanto comunidades enfrentam imposto, epidemia ou guerra.

14.2 Roma entre expansão e consolidação

Trajano conquistou a Dácia, criando província rica em recursos e assentamentos, e realizou a breve invasão parta. Adriano abandonou parte das conquistas orientais, percorreu províncias e investiu em fronteiras. Antonino Pio governou com poucas campanhas pessoais, enquanto administrações e cidades continuaram operando.

O reinado de Marco Aurélio enfrentou guerra parta, epidemia e longos conflitos no Danúbio. A imagem filosófica do imperador não deve separar pensamento e comando militar. Cômodo herdou pressões e negociou o fim de campanhas; seu assassinato em 192 abriu guerra civil.

14.3 Pártia sob pressão, não paralisada

Guerras sucessórias facilitaram intervenções romanas, mas reis arsácidas reconstruíram poder após retiradas. Vologases I havia alcançado acordo duradouro sobre a Armênia; governantes posteriores operaram entre casas nobres, reinos e fronteiras.

As repetidas tomadas de Ctesifonte são sinais de vulnerabilidade, porém não provam que todo o império caiu em cada ocasião. Exércitos romanos percorriam corredores, saqueavam centros e recuavam; poderes arsácidas sobreviviam no planalto e reorganizavam alianças.

14.4 Han Oriental e a crise da corte

Depois das campanhas de Ban Chao, a presença Han nas Regiões Ocidentais oscilou. Na corte, famílias de imperatrizes e servidores palacianos competiam durante sucessões. Funcionários e estudantes criaram reputações e redes de crítica, atingidas pelas proscrições partidárias.

Esses conflitos não impediram toda administração, produção ou cultura. Papel, escrita, astronomia, historiografia e práticas funerárias continuaram a desenvolver-se. A crise política foi processo desigual, não um século inteiro de colapso.

14.5 Cuchanas e redes budistas

Sob Canisca, Huvisca e Vasudeva, moedas e inscrições documentam continuidade dinástica por muitas décadas. Santuários e doações mostram redes entre Bactriana e Índia. A era cuchana oferece uma estrutura cronológica, mas governantes regionais e sátrapas podiam operar com autonomia.

O florescimento artístico de Gandara e Mathura não deve ser explicado apenas por uma “paz cuchana”. Patronos diversos, tradições anteriores, oficinas e circulação religiosa foram fundamentais. Império criava condições e recursos, mas não era autor único da cultura.

14.6 A Peste Antonina

A epidemia tornou-se visível no Império Romano a partir da década de 160. Galeno observou sintomas, e autores posteriores associaram a doença ao retorno da guerra oriental. Identificá-la como varíola é hipótese forte, não diagnóstico laboratorial definitivo. Estimativas de mortalidade variam muito.

Os efeitos também variaram. Exército, cidades e campo perderam pessoas; recrutamento, arrecadação e preços podem ter sido afetados. Não é seguro atribuir automaticamente a epidemia o fim da prosperidade romana. Guerra, política fiscal, ambiente e estruturas regionais precisam ser combinados.

14.7 Clima e causalidade

Dados de gelo, sedimentos, árvores e cavernas ampliaram o estudo do clima antigo. Eles identificam tendências regionais, mas conectá-las a eventos políticos requer datas e mecanismos. “O clima derrubou o império” é explicação excessivamente simples.

Uma seca pode reduzir colheita; seus efeitos dependem de armazenamento, distribuição, desigualdade, mobilidade e guerra. O mesmo choque produz resultados diferentes em instituições diferentes. A comparação deve estudar vulnerabilidade, não determinismo.

14.8 Um sistema conectado?

No século II, os quatro impérios coexistiam e mercadorias cruzavam seus espaços. Isso permite falar em sistema afro-eurasiático em formação, desde que “sistema” não sugira integração uniforme. Os contatos eram densos em alguns corredores e muito fracos em outros. Decisões tomadas em Ctesifonte podiam afetar preços e segurança na Síria; decisões em Luoyang podiam alterar reinos do Tarim; não há evidência de coordenação continental.

Síntese: O século II não foi uma idade dourada única nem uma crise mundial única. Foi um período em que grandes impérios alcançaram capacidade elevada, mas também aumentaram despesas, dependências e exposição a guerras, sucessões e epidemias.

Leituras-base do capítulo: Potter, *The Roman Empire at Bay*; Scheidel, ed., *Rome and China*; de Crespigny, *Fire over Luoyang*; Falk, *Kushan Histories*.

15. O século III e a transformação da ordem imperial

15.1 Quatro mudanças de forma

Por volta de 300, nenhum dos quatro impérios existia exatamente como no século II. Roma sobrevivia sob uma monarquia reorganizada por Diocleciano; a dinastia arsácida fora substituída pelos sassânidas; Han dera lugar aos Três Reinos e depois a nova unificação parcial; o poder cuchana fragmentara-se e enfrentava expansão sassânida e dinastias regionais.

A simultaneidade é impressionante, mas não prova causa comum. Cada transformação possuía cronologia, geografia e mecanismos próprios. Conexões podem ter transmitido pressões; estruturas políticas determinaram respostas.

15.2 Roma depois dos Severos

Septímio Severo venceu a guerra civil de 193-197, premiou exércitos e fortaleceu sua dinastia. Sua origem africana e redes orientais lembram que o centro imperial já era profundamente provincial. Caracala ampliou a cidadania em 212 e conduziu campanhas; depois de 235, sucessões rápidas, guerras civis e pressões fronteiriças fragmentaram comando.

O rótulo “Crise do Terceiro Século” cobre fases diferentes. Imperadores eram proclamados por exércitos; godos e outros grupos atravessaram fronteiras; sassânidas capturaram o imperador Valeriano em 260; regiões gaulesas e o reino de Palmira operaram separadamente por períodos. Moeda perdeu teor metálico e preços sofreram mudanças, mas os padrões regionais foram desiguais.

O império não ficou sem governo. Cidades, exércitos, oficinas e províncias continuaram. Galiano, Aureliano, Probo e outros restauraram partes da coordenação. Diocleciano, a partir de 284, ampliou divisão de comando, fiscalidade e cerimônia, criando a Tetrarquia. A resposta alterou o Principado e preparou a ordem tardo-antiga.

15.3 A ascensão sassânida

Ardashir, dinasta de Pérsis, derrotou Artabano IV em 224 e incorporou outros territórios. Seu filho Sapor I enfrentou vários imperadores romanos, capturou Valeriano e registrou campanhas em inscrição trilingue na Ka'ba-ye Zardosht. Relevos e textos apresentavam uma nova casa como restauradora da realeza iraniana.

A centralização sassânida não deve ser exagerada por contraste com a Pártia. Grandes casas, reis regionais e cidades continuaram. A nova dinastia reorganizou títulos, patronato religioso e exército e construiu uma memória que diminuía os arsácidas.

Partes do antigo espaço cuchana foram governadas por autoridades chamadas cuchano-sassânidas, que emitiram moedas combinando repertórios. A expansão iraniana reconfigurou Bactriana e Afeganistão sem eliminar imediatamente tradições cuchanas.

15.4 Do fim Han aos Três Reinos

Em 220, Cao Pi recebeu a abdicação do último imperador Han e fundou Wei. Liu Bei proclamou uma continuidade Han em Shu; Sun Quan consolidou Wu. Cada Estado mobilizou burocracia, generais, colonização, famílias e legitimidade. A divisão não foi simples retorno ao caos local.

Wei conquistou Shu em 263. A família Sima substituiu Wei pela dinastia Jin em 266 e conquistou Wu em 280, reunificando grande parte do território. A unificação seria breve, mas mostra que o ideal e muitas ferramentas imperiais sobreviveram à dinastia Han.

Migração para o sul, desenvolvimento do vale do Yangzi e novas relações com povos fronteiriços mudaram a geografia. A história chinesa do século III é tanto transformação territorial quanto sucessão de batalhas.

15.5 Fragmentação cuchana

Depois de Vasudeva I, reis posteriores aparecem em moedas e inscrições, mas a unidade política diminuiu. Sassânidas controlaram áreas ocidentais; no norte da Índia, Nagas e outras dinastias ganharam espaço; poderes locais apropriaram-se de tipos monetários e títulos.

O termo “Pequenos Cuchanas” é usado em algumas classificações numismáticas, mas não resolve todas as genealogias. A moeda registra continuidade e competição. A fragmentação preparou um cenário no qual o Império Gupta emergiria no século IV, enquanto reinos e confederações centro-asiáticas continuariam a mudar.

15.6 Palmira e a recomposição romana

Palmira ganhou importância quando Odenato organizou defesa oriental contra os sassânidas. Após sua morte, Zenóbia e Vabalato controlaram Egito e grande parte do Oriente romano. O governo utilizou títulos e imagens que negociavam pertencimento romano e autonomia. Aureliano derrotou o regime palmireno em 272-273 e reintegrou os territórios.

Chamar Zenóbia apenas de rebelde ou rainha nacionalista impõe categorias posteriores. Palmira operou dentro da crise imperial e assumiu funções de proteção, arrecadação e comando. Sua expansão ameaçou o monopólio do imperador e foi reprimida.

15.7 Epidemia, clima e guerra no século III

A chamada Peste de Cipriano atingiu regiões romanas a partir de meados do século III; o agente permanece incerto. Guerras e deslocamentos ampliavam vulnerabilidade. Na China, epidemias e fomes aparecem em fontes, mas novamente faltam bases para uma pandemia única ligando todo o continente.

Mudanças climáticas regionais podem ter afetado pastagens, colheitas e migrações. A prudência exige demonstrar a cadeia: indicador ambiental, impacto produtivo, distribuição social e decisão política. Sem essa cadeia, clima vira explicação universal incapaz de explicar diferenças.

15.8 Por que alguns impérios sobreviveram como instituições?

Roma e a tradição imperial chinesa possuíam linguagens, cargos e territórios que rivais buscaram reunir. Pártia foi substituída por outra dinastia iraniana capaz de reivindicar soberania equivalente. Cuchana fragmentou-se entre vários polos sem reconstrução imediata do mesmo alcance.

Sobrevivência dependeu de mais que burocracia. Geografia fiscal, densidade urbana, memória de unidade, exércitos, casas aristocráticas e capacidade de incorporar vencedores contribuíram. Uma instituição pode sobreviver mudando radicalmente.

Por volta de 260	Roma	Irã	China	Espaço cuchana
Autoridade	imperadores rivais e regiões autônomas	Sapor I sassânida	Wei, Shu e Wu	reis posteriores e poderes regionais
Pressão	sucessão, fronteiras e moeda	guerra romana e consolidação	competição interestatal	avanço sassânida e fragmentação
Continuidade	exército, províncias e ideal imperial	casas, cidades e realeza iraniana	burocracia e mandato	moedas, cultos e redes
Recomposição	Aureliano e Diocleciano	dinastia sassânida	Jin reunifica em 280	sem reunificação equivalente imediata

Leituras-base do capítulo: Ando, *Imperial Rome AD 193 to 284*; Potter, *The Roman Empire at Bay*; de Crespigny, *The Three Kingdoms and Western Jin: A History of China in the Third Century AD*; Shayegan, *Arsacids and Sasanians*.

16. Comparação, controvérsias e roteiro de estudo

16.1 Roma e Han eram “gêmeos”?

Roma e Han tiveram extensão e populações comparáveis em estimativas amplas, governaram por séculos e criaram memórias duradouras de unidade. As semelhanças tornam a comparação produtiva. Porém, estruturas eram diferentes. Roma apoiava-se fortemente em cidades autônomas, cidadanias graduadas e elites locais; Han utilizava uma malha territorial de comandâncias e condados com registros mais densos.

Ambos dependiam de famílias, militares e intermediários; ambos administravam fronteiras por guerra e acordo; ambos apresentavam o governante como centro de ordem. O valor está em explicar por que mecanismos diferentes produziram impérios duráveis, não em provar identidade.

16.2 Pártia era feudal?

“Feudal” foi aplicado à Pártia por causa de grandes casas, cavalaria e reinos subordinados. O termo carrega modelos medievais europeus e pode confundir mais do que esclarecer. Havia poderes delegados, aristocracia territorial e obrigações militares, mas relações específicas precisam ser descritas com fontes próprias.

É melhor perguntar: que recursos uma casa controlava; como o rei reconhecia governantes; quem emitia moedas; em que condições a lealdade mudava; e como o exército era reunido? As respostas preservam a diferença histórica.

16.3 O Império Cuchana foi criado pelo comércio?

Sua posição em rotas contribuiu para receita, circulação e visibilidade. Contudo, comércio não unifica territórios sozinho. Guerra, linhagem, alianças, moeda, santuários e administração regional foram necessários. Além disso, economias agrícolas e urbanas internas sustentavam o Estado.

A tese comercial é útil como parte de uma explicação. Torna-se determinista quando transforma o império em resultado automático da seda e de Roma.

16.4 Existiu uma primeira globalização?

O período teve conexões de milhares de quilômetros, conhecimento mútuo parcial e transferência de bens e religiões. A palavra globalização destaca alcance, mas pode sugerir velocidade, volume e integração de preços modernos. “Conectividade afro-eurasiática desigual” é formulação mais segura.

Uma prova forte de integração exige mecanismos: rota, agentes, frequência, volume, custo e efeito. Um objeto exótico prova movimento; não prova mercado continental unificado.

16.5 Impérios caíram por epidemias e clima?

Epidemias e mudanças ambientais foram fatores reais. O erro está em transformá-los em causas suficientes. Roma sobreviveu a crises do século III; Han terminou como dinastia, mas instituições imperiais continuaram; a Pártia caiu para uma dinastia regional; Cuchana se fragmentou. Resultados diferentes exigem considerar sucessão, exército, receita, geografia e coalizões.

Hipóteses ambientais devem ser apresentadas com grau de certeza. Paleoclima, DNA de patógenos, textos e arqueologia possuem escalas diferentes; alinhar datas aproximadas não basta.

16.6 “Paz imperial” para quem?

Pax Romana, estabilidade Han ou prosperidade cuchana podem descrever redução de guerra em certos centros e corredores. Para populações conquistadas, a mesma ordem incluía imposto, serviço, deslocamento e repressão. A paz não é falsa, mas socialmente localizada.

Um texto equilibrado evita dois extremos: celebrar impérios como portadores naturais de civilização e descrevê-los apenas como violência indiferenciada. Impérios criaram infraestruturas e oportunidades por mecanismos inseparáveis de hierarquia e extração.

16.7 Cidadania, sujeito e pertencimento

Roma desenvolveu uma cidadania jurídica expansível, culminando em 212. Han organizava pertencimento por registro, família, estatuto e relação com a ordem imperial, sem equivalente exato da cidadania romana. Pártia e Cuchana usaram títulos, dinastias, cidades e comunidades.

Traduzir todos como “cidadãos” apaga diferenças. “Súdito” também pode simplificar. O pesquisador deve identificar a categoria concreta: cidadão romano, habitante livre, família registrada, soldado auxiliar, membro de conselho, rei subordinado, doador, escravizado ou dependente.

16.8 Centro e fronteira

Fronteiras geravam recursos e ameaças. O exército romano tornava o Reno e o Eufrates zonas econômicas; colônias Han transformavam Hexi; reinos partos e armênios negociavam duas soberanias; os cuchanas construíam poder no Hindu Kush e nos corredores indo-iranianos.

O centro dependia da fronteira para cavalos, soldados, informação e prestígio. A fronteira não é margem passiva: muitas mudanças dinásticas começaram em regiões capazes de mobilizar forças.

16.9 Roteiro de estudo em dez passos

1. Construa uma linha do tempo de 30 a.C. a 300 d.C. com quatro faixas paralelas.
2. Escolha três fotografias de coexistência: 1 d.C., 130 d.C. e 260 d.C.
3. Em cada fotografia, identifique governante, capital ou centros, fronteiras ativas e vizinhos.
4. Leia uma fonte de cada tradição: inscrição romana, história Han, moeda ou documento parto e inscrição cuchana.
5. Faça uma ficha de autoria, data, público, gênero e silêncio de cada fonte.
6. Compare uma instituição concreta, como imposto, cidade, condado, exército ou reino subordinado.
7. Desenhe as rotas sem criar uma linha única entre Roma e Chang'an.
8. Marque afirmações como seguras, prováveis ou debatidas.
9. Escolha uma controvérsia e apresente ao menos duas interpretações acadêmicas.
10. Converta o estudo em artigo, aula ou vídeo com referências e licenças de imagem.

16.10 Perguntas para blog, aula ou vídeo

- Roma e Han poderiam ter mantido relações diplomáticas regulares?

- Por que a Armênia era central para Roma e Pártia?
- Como uma moeda cuchana reúne várias tradições sem ser mero mosaico?
- O que um posto de fronteira Han e Vindolanda têm em comum?
- Por que Ctesifonte foi tomada várias vezes sem anexação duradoura?
- A cidadania de Caracala tornou o império mais igual?
- O budismo viajou com mercadores ou por redes próprias?
- O século III foi uma crise mundial ou crises conectadas apenas parcialmente?

16.11 Como reconhecer uma boa resposta

Uma boa resposta define recorte, cita evidência, separa fato de inferência, inclui intermediários e evita rankings anacrônicos. Ela reconhece violência e desigualdade sem reduzir toda história a julgamento moral. Também informa onde especialistas divergem.

Modelo de tese: “Entre 30 a.C. e 300 d.C., Roma, Pártia, Han e Cuchana participaram de redes afro-eurasiáticas crescentes, mas governaram por combinações distintas de burocracia territorial, cidades, aristocracias e dinastias subordinadas; suas crises aproximadamente simultâneas tiveram causas próprias e efeitos conectados apenas em parte.”

Leituras-base do capítulo: Scheidel, ed., *Rome and China*; Bang e Bayly, eds., *Tributary Empires*; Morris e Scheidel, eds., *The Dynamics of Ancient Empires*; Burbank e Cooper, *Empires in World History*.

Apêndice A. Cronologia analítica

A.1 Como ler a cronologia

As datas abaixo priorizam sincronismos, não uma lista de todos os soberanos. “c.” indica aproximação. Para governantes cuchanas iniciais, sequências são mais seguras que datas absolutas. A máxima extensão desenhada num mapa não deve ser confundida com administração estável.

Data	Roma	Pártia/Irã	Han/China	Cuchana/Ásia Central
53 a.C.	Crasso derrotado em Carras	vitória de Orodes II	Han Ocidental	Yuezhi em Bactriana
30 a.C.	Egito anexado por Otaviano	Fraates IV	imperador Cheng	formação pré-cuchana
27 a.C.	início convencional do Principado	reino arsácida	Han Ocidental	principados Yuezhi
20 a.C.	Augusto recupera estandartes	acordo de Fraates IV	imperador Cheng	Bactriana fragmentada

Data	Roma	Pártia/Irá	Han/China	Cuchana/Ásia Central
9 d.C.	Augusto	Vonones I; ascensão de Artabano II em c. 10/11	Wang Mang funda Xin	expansão inicial debatida
23-25	Tibério	Artabano II	queda de Xin; restauração Han	Kujula em cronologia ampla
43	conquista romana da Britânia	Vardanes/Gotárzes II	Guangwu	consolidação inicial
c. 50-80	Cláudios e Flávios	Vologases I	Han Oriental	Kujula/Vima em cronologia debatida
66	Nero investe Tiridates	acordo sobre Armênia	imperador Ming	expansão ao sul
73-94	Flávios e Domiciano	Pácoro II	campanhas de Ban Chao	poder cuchana em crescimento
97	Nerva/Trajano	Pácoro II	missão de Gan Ying	conexões centro- asiáticas
106	Trajano anexa Nabateia	Pácoro II/Osroes I	transição entre He, Shang e An	Vima Kadphises, aproximadamente
113-117	conquista parta breve de Trajano	Ctesifonte tomada	Han Oriental	expansão cuchana
117	Adriano abandona anexações	recuperação arsácida	imperador An	antes/entorno de Canisca
122	Muralha de Adriano	Pártia	imperador An	cronologia cuchana em transição
127/128	Adriano	Mitrídates IV/Vologases III	imperador Shun	início provável da era de Canisca
c. 150	Antonino Pio	Vologases III/IV	imperador Huan	Canisca/Huvisca
161-166	guerra de Lúcio Vero	Ctesifonte tomada	imperador Huan	Huvisca
166	Marco Aurélio	Vologases IV	missão atribuída a “Andun” registrada	apogeu cuchana
184	Cômodo	Vologases IV	Turbantes Amarelos	Huvisca
192-197	guerra civil romana	Vologases V	senhores militares	Vasudeva I
197-198	Severo toma Ctesifonte	pressão romana	Cao Cao cresce	Vasudeva I

Data	Roma	Pártia/Irá	Han/China	Cuchana/Ásia Central
212	cidadania de Caracala	Vologases VI/Artabano IV	Han Oriental; Cao Cao controla o norte	Vasudeva I
220	Heliogábalo	guerra sucessória arsácida	fim de Han; Wei fundado (Shu em 221; Wu em 229)	fase tardia de Vasudeva
224	Império Romano severiano	Ardashir derrota Artabano IV	Três Reinos	início de pressão sassânida
c. 230-250	crise romana se aproxima	consolidação sassânida	Wei, Shu e Wu	fragmentação cuchana
244	Filipe firma paz com Sapor I	Sapor I	Três Reinos	cuchano-sassânidas a oeste
260	Valeriano capturado	vitória de Sapor I	Três Reinos	reis cuchanas tardios
266	Galiano	Sapor I	fundação de Jin	poderes regionais
272-273	Aureliano derrota Palmira	sassânidas	Jin e Wu	fragmentação
280	Probo	Bahram II	Jin conquista Wu	continuidades regionais
284	Diocleciano	Bahram II	Jin	período pós-apogeu
293	Tetrarquia	Narseh; Paikuli	Jin	título cuchansá em uso no contexto sassânida
c. 300	Roma tardo-antiga	Império Sassânida	Jin sob pressão	reinos e moedas pós-cuchanas

A.2 Datas especialmente discutidas

- A sucessão de reis partos do século I a.C. e início do I d.C. possui homônimos, rivais e cronologias reconstruídas por moedas e textos.
- Kujula Kadphises pode ter governado dentro de intervalos diferentes propostos por especialistas; evite data única sem nota.
- A era de Canisca iniciada em 127/128 d.C. é hoje solução influente e adotada neste volume, mas não encerra todos os problemas de calendário.

- O Periplus do Mar Eritreu costuma ser situado no século I d.C.; propostas mais precisas variam.
- “166” é data segura do registro Han de visitantes ligados a Da Qin; a condição de embaixada oficial romana é incerta.

Apêndice B. Quadros de coexistência

B.1 Fotografia de 1 d.C.

Pergunta	Roma	Pártia	Han	Cuchana em formação
Quem governa?	Augusto	Fraates V/Musa, em cronologia aproximada	imperador Ai/Ping na transição	elites Guishuang e Yuezhi
Centro	Roma e corte	Ctesifonte-Selêucia e polos iranianos	Chang'an	Bactriana
Fronteira-chave	Reno, Danúbio, Eufrates	Armênia e Mesopotâmia	Xiongnu e Hexi	Hindu Kush
Forma de governo	províncias, cidades e clientes	rei, casas e reinos	comandâncias, condados e reinos	principados em unificação
Conexão	Egito e mar Vermelho	Irã e golfo	Regiões Ocidentais	corredores Índia-Ásia Central

B.2 Fotografia de 130 d.C.

Pergunta	Roma	Pártia	Han	Cuchana
Quem governa?	Adriano	Mitrídates IV/Vologases III	imperador Shun	Canisca I, cronologia provável
Centro	Roma e múltiplas residências	múltiplos polos	Luoyang	Purushapura, Mathura, Bactriana
Fronteira-chave	Britânia, Reno, Danúbio, Eufrates	Armênia e Mesopotâmia	Tarim e estepe	Hindu Kush e norte da Índia
Documento-símbolo	éditos, inscrições, papiros	moedas e documentos regionais	histórias e madeiras administrativas	Rabatak e moedas
Tensão	consolidar limites	sucessão e Roma	corte e fronteiras	integrar territórios diversos

B.3 Fotografia de 166 d.C.

Roma acabara de guerrear na Mesopotâmia; a Pártia perdera temporariamente centros para invasores, mas continuava independente; Han Oriental registrou visitantes associados a Da Qín; o império cuchana permanecia sob sucessores de Canisca. É a melhor fotografia para discutir conexão sem contato estatal direto.

B.4 Fotografia de 220-224 d.C.

Em poucos anos, Han terminou, a Pártia foi derrubada e o poder cuchana entrou em fragmentação, enquanto Roma permanecia sob os Severos. A fotografia impede falar numa queda simultânea perfeita: as transições são próximas, mas Roma atravessaria sua crise mais aguda décadas depois.

B.5 Fotografia de 260 d.C.

Valeriano foi capturado por Sapor I; Palmira crescia como potência regional; China permanecia dividida entre Três Reinos; áreas cuchanas ocidentais estavam sob influência sassânida. O ano mostra um mundo pós-quatro impérios, no qual novas formações reutilizavam instituições antigas.

B.6 Ficha para construir outras fotografias

1. Defina um único ano ou intervalo máximo de cinco anos.
2. Identifique governantes e rivais, sem escolher apenas um vencedor retrospectivo.
3. Liste centros políticos e residências, não apenas uma capital.
4. Marque fronteiras ativas e formas de dependência.
5. Registre uma fonte contemporânea e uma fonte posterior.
6. Separe presença comercial de controle político.
7. Indique ao menos uma incerteza.

Apêndice C. Matrizes comparativas

C.1 Arquiteturas de governo

Dimensão	Roma	Pártia	Han	Cuchana
Unidade territorial	província e cidade	região, reino e cidade	comandância e condado	satrapia/região, cidade e corredor
Agente local	conselho e notável	casa, rei subordinado, conselho	magistrado, escriba e notável	sátrapa, dinasta, doador e comunidade

Dimensão	Roma	Pártia	Han	Cuchana
Documento forte	inscrição, papiro, lei	moeda e documentos dispersos	história, lei e registro	moeda e inscrição
Exército	legião e auxiliares	cavalaria e contingentes	conscrição, fronteira e aliados	forças régias e regionais
Sucessão	dinastia, adoção e exército	casa arsácida e nobres	casa Liu e corte	linhagem dinástica e títulos

C.2 Receita, trabalho, informação e legitimidade

Recurso	Roma	Pártia	Han	Cuchana
Receita	terra, pessoa, alfândega, minas	tributo, terra, cidades, rotas	terra, pessoa, monopólios	tributo, moeda, terra, corredores
Trabalho	escravidão, arrendamento, serviço	dependências variadas	trabalho obrigatório e famílias	agricultura, ofícios e doações
Informação	governador, correio, cidade	corte, casas e agentes regionais	relatórios e registros hierárquicos	inscrições, moedas e agentes locais
Legitimidade	princeps, vitória, benefício	Rei dos Reis, linhagem	Mandato do Céu e ritual	Rei dos Reis e deuses protetores

C.3 Fronteiras

Questão	Roma	Pártia	Han	Cuchana
Obstáculo	distância e múltiplos fronts	casas e rival romano	estepe e desertos	montanhas e diversidade regional
Infraestrutura	fortes, estradas e rios	cidades, corredores e alianças	torres, muralhas e colônias	passes, cidades e moeda
Intermediário	reinos clientes e povos aliados	Armênia e reinos mesopotâmicos	Xiongnu divididos e oásis	reinos do Tarim, Kangju e sátrapas
Erro comum	muralha impermeável	“Estado fraco”	fronteira étnica fixa	mera ponte comercial

C.4 Matriz de crise

Pergunta	Evidência necessária	Inferência aceitável	Excesso a evitar
Houve crise fiscal?	impostos, moeda, soldo, cadastros	pressão diferenciada por região	“tesouro vazio” sem dado
Houve crise sucessória?	rivais, nomeações, exércitos	coordenação enfraquecida	personalidade explica tudo
Houve choque ambiental?	proxy datado e efeito produtivo	vulnerabilidade condicionada	clima derrubou o império
Houve epidemia?	sintomas, mortalidade, DNA quando houver	impacto provável com intervalo	agente e rota como certeza
Houve invasão?	campanha, ocupação e resposta	perda de território ou receita	povo inteiro como causa natural

C.5 Escala de certeza

- Seguro: sustentado por várias evidências independentes ou documento contemporâneo inequívoco.
- Provável: melhor explicação disponível, mas dependente de reconstrução.
- Possível: compatível com as fontes, sem base suficiente para preferência firme.
- Debatido: existem modelos acadêmicos concorrentes relevantes.
- Anacrônico: depende de categoria posterior aplicada sem demonstração.

Apêndice D. Glossário essencial

Anona: Sistema e conjunto de operações ligados ao abastecimento, especialmente cereal, de Roma e posteriormente de exércitos e cidades.

Arsácida: Dinastia que governou o Império Parto. “Arsaces” funcionou como nome dinástico em moedas e titulatura.

Auxilia: Unidades do exército romano recrutadas originalmente entre não cidadãos, organizadas em infantaria, cavalaria ou forças mistas.

Bactriano: Língua iraniana da Bactriana, escrita no período cuchana com alfabeto derivado do grego.

Brami: Família de escritas sul-asiáticas usada em inscrições e base de muitos sistemas gráficos posteriores.

Carósti: Escrita utilizada especialmente em Gandara e no noroeste do subcontinente, normalmente da direita para a esquerda.

Cidadania romana: Estatuto jurídico com direitos e deveres, expandido gradualmente e concedido à maioria dos livres do império em 212 d.C.

Comandância: Grande unidade territorial Han administrada por oficiais nomeados, subdividida em condados.

Constitutio Antoniniana: Decisão de Caracala, em 212 d.C., que concedeu cidadania romana a quase todos ou todos os habitantes livres do império, com exceções debatidas.

Ctesifonte: Residência e centro régio na Mesopotâmia sob partos e sassânidas, próximo a Selêucia do Tigre.

Cuchana: Dinastia e império também conhecidos internacionalmente como Kushan, formados a partir de um dos grupos Yuezhi/Guishuang.

Cursus publicus: Sistema romano de transporte e comunicação oficial por estações, animais e autorizações.

Da Qin: Nome usado em fontes chinesas para um grande império ocidental geralmente associado ao mundo romano, conhecido por informações indiretas.

Era de Canisca: Sistema de anos iniciado pelo rei Canisca. A identificação com 127/128 d.C. é amplamente utilizada hoje.

Heqin: Política diplomática Han de acordos, presentes e casamento com líderes estrangeiros, especialmente Xiongnu.

Hindu Kush: Sistema montanhoso cujas passagens conectam Ásia Central, Afeganistão e subcontinente indiano.

Imperium: Poder romano de comando civil e militar. No Principado, o imperador possuía autoridade superior e abrangente.

Limes: Termo latino com sentidos de caminho e limite, usado modernamente para sistemas fronteiriços romanos; não indica muralha contínua universal.

Mandato do Céu: Concepção chinesa que vinculava legitimidade dinástica à ordem moral e cósmica, reinterpretada por cada regime.

Monção: Padrão sazonal de ventos do oceano Índico utilizado por navegadores, sem que isso elimine riscos marítimos.

Pártia: Região iraniana de origem da dinastia arsácida e, por extensão, nome do império por ela governado.

Pax Romana: Expressão para a estabilidade relativa criada pelo domínio romano; deve ser qualificada pelos custos de conquista e pelas diferenças regionais.

Periplus do Mar Eritreu: Guia grego do século I d.C., provavelmente escrito por alguém com experiência comercial no mar Vermelho e oceano Índico.

Principado: Sistema imperial romano de Augusto a aproximadamente o século III, que combinava monarquia com instituições e linguagem republicanas.

Rabatak: Local no atual Afeganistão onde foi encontrada inscrição bactriana de Canisca com genealogia e programa régio.

Reino cliente: Categoria moderna para monarquia subordinada ou aliada a uma potência, com autonomia variável. A relação precisava ser continuamente negociada.

Regiões Ocidentais: Termo das fontes Han para reinos e corredores a oeste, especialmente bacia do Tarim e áreas conectadas.

Rei dos Reis: Título de supremacia usado em tradições iranianas e por governantes partos e cuchanas, sem implicar administração uniforme.

Rota da Seda: Conceito moderno para redes de circulação afro-eurasiáticas. O plural “rotas” evita a imagem de uma estrada única.

Sátrapa: Título de origem iraniana para governante regional, reutilizado em contextos helenísticos e indo-iranianos com funções variadas.

Soter Megas: “Grande Salvador”, título grego de série monetária associada, após novas evidências, a Vima Takto.

Tetrarquia: Sistema iniciado por Diocleciano que distribuiu o comando imperial romano entre dois augustos e dois césaes.

Xihou: Termo chinês aplicado aos cinco governantes ou principados Yuezhi; sua equivalência exata com títulos ocidentais é debatida.

Xiongnu: Confederação imperial da estepe que negociou e guerreou com Han. Não corresponde automaticamente a povos posteriores chamados hunos.

Yuezhi: Grupos conhecidos por fontes chinesas, deslocados para oeste; os Grandes Yuezhi participaram da formação da ordem cuchana.

Apêndice E. Laboratório de fontes e atividades

E.1 Dossiê mínimo de uma fonte

Para qualquer texto, moeda, inscrição ou objeto, registre:

1. Identificação e número de inventário ou edição.
2. Data de produção e data dos acontecimentos narrados.
3. Local de produção e de descoberta.
4. Autor, autoridade emissora ou oficina.
5. Material, idioma e gênero.
6. Público provável e função.
7. Afirmações explícitas.
8. Inferências possíveis.
9. Silêncios e danos.
10. Bibliografia que discute a peça.

E.2 Estudo 1: Res Gestae de Augusto

Compare a apresentação da recuperação dos estandartes partos com uma narrativa histórica posterior. Pergunte como Augusto converte negociação em vitória. Não copie longa tradução: cite a seção e resuma o argumento.

E.3 Estudo 2: uma tabuinha de Vindolanda

Escolha uma carta ou lista no portal Vindolanda Tablets Online. Identifique remetente, destinatário, material, problemas de leitura e o que o documento revela sobre vida militar e doméstica. Evite tratar uma carta como retrato de toda fronteira romana.

E.4 Estudo 3: um diploma militar romano

Use o banco de dados Epigraphik-Datenbank Clauss-Slaby ou catálogo de museu. Observe unidade, data, imperador e concessão jurídica. Explique como exército e cidadania se conectavam.

E.5 Estudo 4: uma moeda arsácida

Selecione peça com procedência e catálogo. Descreva retrato, diadema ou tiara, legenda, oficina e metal. Compare duas atribuições quando houver disputa. Explique por que moeda é fonte cronológica e política.

E.6 Estudo 5: Tiridates em Roma

Leia versões de Tácito, Cássio Dio ou Suetônio em edição responsável e compare com estudo moderno sobre Armênia. Identifique o que a cerimônia permitia a Nero e ao rei arsácida afirmar.

E.7 Estudo 6: madeiras da fronteira Han

Consulte uma edição ou exposição institucional de Juyan ou Dunhuang. Analise formulário, data, cargo e operação. Compare com Vindolanda: ambos registram fronteiras, mas pertencem a sistemas documentais distintos.

E.8 Estudo 7: Hou Hanshu e Da Qin

Leia o capítulo sobre Regiões Ocidentais em tradução acadêmica. Separe informações geográficas, produtos, governo e relatos maravilhosos. Marque quais dados vieram de intermediários e por que Da Qin não é descrição direta de Roma.

E.9 Estudo 8: inscrição de Rabatak

Trabalhe com tradução publicada por Nicholas Sims-Williams e Joe Cribb ou síntese da Encyclopaedia Iranica. Identifique genealogia, língua, deuses, cidades e nova era. Distinga o que a inscrição afirma do que os estudiosos reconstroem.

E.10 Estudo 9: moeda cuchana

Compare uma emissão de Canisca com uma de Vima Kadphises. Registre metal, peso, língua, título, figura régia e divindade. Pergunte a que públicos o objeto podia comunicar-se.

E.11 Estudo 10: Periplus do Mar Eritreu

Escolha dois portos, um no mar Vermelho e outro na Índia. Liste produtos, estação de navegação e autoridades. Confronte o texto com arqueologia de Berenice ou Muziris/Pattanam. Não trate todo nome antigo como identificação moderna indiscutível.

E.12 Estudo 11: objeto viajante

Selecione vidro romano na Ásia, seda chinesa no Mediterrâneo ou moeda romana na Índia. Construa três rotas possíveis e indique a evidência necessária para escolher entre elas. O exercício combate a conclusão automática de contato direto.

E.13 Estudo 12: uma crise comparada

Escolha 184-224 ou 235-284. Faça quatro colunas: sucessão, exército, receita e fronteira. Acrescente epidemia e clima somente quando houver evidência datada. Conclua se as crises foram paralelas, conectadas ou independentes.

E.14 Projeto de postagem ou vídeo

Estrutura recomendada:

1. Título que formule problema, não promessa sensacionalista.
2. Abertura com fotografia cronológica.
3. Mapa com limites aproximados e legenda.
4. Duas fontes primárias de tradições diferentes.
5. Uma comparação institucional concreta.
6. Um quadro “seguro, provável, debatido”.
7. Conclusão que responda à pergunta.
8. Bibliografia, links e créditos de imagem.

E.15 Banco de perguntas

- Quais impérios coexistiam quando a Muralha de Adriano começou a ser construída?
- Que diferença existe entre a província romana e a comandância Han?
- Como uma aristocracia regional fortalecia e ameaçava o rei parto?
- O que Rabatak mudou na história dos primeiros cuchanas?
- Por que o ouro cuchana não prova sozinho balança comercial favorável com Roma?
- Como os reinos do Tarim exerceram agência entre Han, Xiongnu e Cuchana?
- Qual é a evidência mais forte de conhecimento romano na China Han?
- Por que 220-224 não representa uma única queda continental?

E.16 Rubrica de qualidade

Critério	Excelente	Suficiente	Revisar
Cronologia	sincroniza quatro regiões e marca dúvida	datas principais corretas	mistura eras ou trata hipótese como fato
Fontes	cruza gêneros e explica viés	cita ao menos duas fontes	depende de enciclopédia genérica
Comparação	mecanismo específico e contexto	semelhança/diferença básica	ranking ou analogia livre
Conexão	identifica agentes e etapas	indica rota provável	contato direto sem prova
Ética editorial	autoria, referências e licenças	créditos básicos	cópia extensa ou imagem sem licença

Bibliografia comentada

Comparação, impérios e história global

Bang, Peter Fibiger; Bayly, C. A., eds. *Tributary Empires in Global History*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. Coletânea útil para comparar impérios sem pressupor Estados nacionais modernos.

Benjamin, Craig. *Empires of Ancient Eurasia: The First Silk Roads Era, 100 BCE-250 CE*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018. Síntese diretamente relacionada aos quatro impérios e aos Xiongnu; deve ser lida junto a estudos regionais.

Burbank, Jane; Cooper, Frederick. *Empires in World History: Power and the Politics of Difference*. Princeton: Princeton University Press, 2010. Oferece conceitos amplos sobre governo da diferença e repertórios imperiais.

Morris, Ian; Scheidel, Walter, eds. *The Dynamics of Ancient Empires: State Power from Assyria to Byzantium*. Oxford: Oxford University Press, 2009. Compara formação, poder e crise por temas e estudos de caso.

Scheidel, Walter, ed. *Rome and China: Comparative Perspectives on Ancient World Empires*. Oxford: Oxford University Press, 2009. Referência fundamental para comparação controlada entre Roma e Han.

Scheidel, Walter, ed. *State Power in Ancient China and Rome*. Oxford: Oxford University Press, 2015. Concentra-se em capacidade fiscal, administração, guerra e diferenças institucionais.

Roma: política e administração

Ando, Clifford. *Imperial Ideology and Provincial Loyalty in the Roman Empire*. Berkeley: University of California Press, 2000. Analisa comunicação, crença e consenso entre centro e províncias.

Ando, Clifford. *Imperial Rome AD 193 to 284: The Critical Century*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2012. Síntese compacta e institucional do século III.

Eck, Werner. *The Age of Augustus*. 2. ed. Malden: Blackwell, 2007. Introdução rigorosa à construção do Principado.

Galinsky, Karl. *Augustan Culture: An Interpretive Introduction*. Princeton: Princeton University Press, 1996. Integra política, arte, religião e literatura do período augustano.

Lintott, Andrew. *Imperium Romanum: Politics and Administration*. London: Routledge, 1993. Estudo clássico sobre províncias, governadores e estruturas do domínio.

Millar, Fergus. *The Emperor in the Roman World, 31 BC-AD 337*. 2. ed. London: Duckworth, 1992. Demonstra como petições, audiências e decisões davam forma ao governo imperial.

Potter, David S. *The Roman Empire at Bay, AD 180-395*. 2. ed. London: Routledge, 2014. Grande síntese política, militar e institucional da transformação romana.

Woolf, Greg. *Rome: An Empire's Story*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Narrativa geral sensível a integração, religião, migração e identidade.

Roma: sociedade, economia e províncias

Mattingly, David J. *Imperialism, Power, and Identity: Experiencing the Roman Empire*. Princeton: Princeton University Press, 2011. Corrige narrativas excessivamente centradas na integração consensual.

Harper, Kyle. *Slavery in the Late Roman World, AD 275-425*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Estudo de referência sobre escravidão na Antiguidade Tardia; para o Principado, deve ser usado comparativamente e não como substituto de evidência específica dos séculos I-II.

Scheidel, Walter; Morris, Ian; Saller, Richard, eds. *The Cambridge Economic History of the Greco-Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. Obra de consulta sobre produção, demografia, comércio e trabalho.

Temin, Peter. *The Roman Market Economy*. Princeton: Princeton University Press, 2013. Defesa de integração mercantil; útil em confronto com abordagens mais cautelosas.

Woolf, Greg. *Becoming Roman: The Origins of Provincial Civilization in Gaul*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. Estudo regional que tornou a discussão sobre romanização mais dinâmica.

Millar, Fergus. *The Roman Near East, 31 BC-AD 337*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993. Essencial para Síria, cidades, línguas e fronteiras orientais.

Pártia e relações romano-iranianas

Curtis, Vesta Sarkhosh; Stewart, Sarah, eds. *The Age of the Parthians*. London: I.B. Tauris, 2007. Capítulos acessíveis sobre história, arte, religião e cultura material arsácidas.

Dąbrowa, Edward. *The Arsacid Empire*. In: Daryaee, Touraj, ed. *The Oxford Handbook of Iranian History*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Síntese curta dentro de manual amplo.

Edwell, Peter. *Between Rome and Persia: The Middle Euphrates, Mesopotamia and Palmyra under Roman Control*. London: Routledge, 2008. Estudo espacial e político das fronteiras.

Overtom, Nikolaus Leo. *Reign of Arrows: The Rise of the Parthian Empire in the Hellenistic Middle East*. Oxford: Oxford University Press, 2020. Reavalia a expansão e a capacidade arsácidas.

Schlude, Jason M. *Rome, Parthia, and the Politics of Peace: The Origins of War in the Ancient Middle East*. London: Routledge, 2020. Mostra como paz, honra e interpretação diplomática moldavam a rivalidade.

Shayegan, M. Rahim. *Arsacids and Sasanians: Political Ideology in Post-Hellenistic and Late Antique Persia*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. Estudo avançado sobre memória dinástica e ideologia iraniana.

Han: governo, sociedade e crise

Barbieri-Low, Anthony J.; Yates, Robin D. S. *Law, State, and Society in Early Imperial China*. 2 vols. Leiden: Brill, 2015. Edição e estudo de textos jurídicos escavados; obra técnica e fundamental.

de Crespigny, Rafe. *Fire over Luoyang: A History of the Later Han Dynasty, 23-220 AD*. Leiden: Brill, 2017. Narrativa detalhada da restauração e queda de Han Oriental.

de Crespigny, Rafe. "The Three Kingdoms and Western Jin: A History of China in the Third Century AD." *East Asian History* 1 (1991): 1-36; 2 (1991): 143-165. Síntese clássica da formação dos Três Reinos e da reunificação sob Jin Ocidental, disponível pelo repositório da Australian National University.

Chang, Chun-shu. *The Rise of the Chinese Empire*. Vol. 2: *Frontier, Immigration, and Empire in Han China, 130 BC-AD 157*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2007. Estudo amplo da expansão, colonização e incorporação das fronteiras.

- Di Cosmo, Nicola. *Ancient China and Its Enemies: The Rise of Nomadic Power in East Asian History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. Reinterpreta a estepe e a relação Han-Xiongnu.
- Lewis, Mark Edward. *The Early Chinese Empires: Qin and Han*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2007. Melhor introdução compacta em inglês às instituições e cultura do período.
- Loewe, Michael. *The Government of the Qin and Han Empires, 221 BCE-220 CE*. Indianapolis: Hackett, 2006. Guia preciso de cargos, administração, ideologia e práticas.
- Loewe, Michael. *Crisis and Conflict in Han China, 104 BC to AD 9*. London: George Allen & Unwin, 1974. Estudo clássico das tensões políticas que precederam Wang Mang.
- Nylan, Michael. *The Five "Confucian" Classics*. New Haven: Yale University Press, 2001. Explica a formação e o uso de textos clássicos sem reduzir Han a um confucionismo simples.
- Millward, James A. *Eurasian Crossroads: A History of Xinjiang*. 2. ed. New York: Columbia University Press, 2021. História regional de longa duração, útil para situar as Regiões Ocidentais e evitar perspectivas centradas apenas nas dinastias chinesas.
- Twitchett, Denis; Loewe, Michael, eds. *The Cambridge History of China. Vol. 1: The Ch'in and Han Empires, 221 B.C.-A.D. 220*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. Referência extensa sobre política, sociedade, economia, lei e relações exteriores.
- Yu, Ying-shih. *Trade and Expansion in Han China: A Study in the Structure of Sino-Barbarian Economic Relations*. Berkeley: University of California Press, 1967. Clássico ainda útil, a ser atualizado com arqueologia recente.

Cuchanas, Yuezhi e Gandara

- Benjamin, Craig. *The Yuezhi: Origin, Migration and the Conquest of Northern Bactria*. Turnhout: Brepols, 2007. Reconstrução especializada a partir de fontes chinesas e centro-asiáticas.
- Errington, Elizabeth; Cribb, Joe, eds. *The Crossroads of Asia: Transformation in Image and Symbol in the Art of Ancient Afghanistan and Pakistan*. Cambridge: Ancient India and Iran Trust, 1992. Catálogo acadêmico importante para cultura material regional.
- Cribb, Joe; Herrmann, Georgina, eds. *After Alexander: Central Asia before Islam*. Oxford: Oxford University Press, 2007. Coletânea interdisciplinar sobre política, arqueologia, moeda e arte da Ásia Central.
- Falk, Harry. *Kushan Histories: Literary Sources and Selected Papers from a Symposium at Berlin, December 5 to 7, 2013*. Bremen: Hempen, 2015. Estudos especializados sobre fontes, cronologia e história cuchana.
- Harmatta, János et al., eds. *History of Civilizations of Central Asia. Vol. 2: The Development of Sedentary and Nomadic Civilizations, 700 B.C. to A.D. 250*. Paris: UNESCO, 1994. Síntese coletiva, acessível gratuitamente, com capítulos que precisam ser confrontados com revisões recentes.
- Jongeward, David; Cribb, Joe. *Kushan, Kushano-Sasanian, and Kidarite Coins: A Catalogue of Coins from the American Numismatic Society*. New York: American Numismatic Society, 2015. Referência numismática com séries e imagens.
- Liu, Xinru. *Ancient India and Ancient China: Trade and Religious Exchanges, AD 1-600*. Delhi: Oxford University Press, 1988. Estudo das conexões entre Índia, Ásia Central e China, com atenção a agentes religiosos.
- Rosenfield, John M. *The Dynastic Arts of the Kushans*. Berkeley: University of California Press, 1967. Obra clássica; parte da cronologia foi atualizada, mas a análise permanece influente.

Sims-Williams, Nicholas; Cribb, Joe. "A New Bactrian Inscription of Kanishka the Great." *Silk Road Art and Archaeology* 4 (1995/1996): 75-142. Publicação fundamental da inscrição de Rabatak.

Rotas, mares e conectividade

Hansen, Valerie. *The Silk Road: A New History*. Oxford: Oxford University Press, 2012. Baseada em documentos locais; desconstrói a estrada única e os volumes imaginados.

Liu, Xinru. *The Silk Road in World History*. Oxford: Oxford University Press, 2010. Introdução clara às redes, religiões e mercadorias.

McLaughlin, Raoul. *The Roman Empire and the Indian Ocean*. Barnsley: Pen & Sword, 2014. Síntese acessível; números e conclusões econômicas devem ser comparados com literatura especializada.

Seland, Eivind Heldaas. *Ships of the Desert and Ships of the Sea: Palmyra in the World Trade of the First Three Centuries CE*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2016. Estudo de agentes, inscrições e redes palmirenas.

Sidebotham, Steven E. *Berenike and the Ancient Maritime Spice Route*. Berkeley: University of California Press, 2011. Arqueologia de porto do mar Vermelho e conexões com o Índico.

Tomber, Roberta. *Indo-Roman Trade: From Pots to Pepper*. London: Duckworth, 2008. Introdução arqueológica e metodológica ao comércio no oceano Índico.

Young, Gary K. *Rome's Eastern Trade: International Commerce and Imperial Policy, 31 BC-AD 305*. London: Routledge, 2001. Avalia comércio e política sem presumir controle estatal total.

Fontes primárias em tradução

Augusto. *Res Gestae Divi Augusti*. Ed. e trad. Alison E. Cooley. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. Edição com texto, tradução e comentário.

Cássio Dio. *Roman History*. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press. Narrativa grega posterior, essencial para Principado e guerras, sempre com crítica de perspectiva.

Plínio, o Jovem. *Letters*, especialmente livro 10. Loeb Classical Library ou Oxford World's Classics. Correspondência com Trajano sobre governo provincial.

Tácito. *Annals e Histories*. Oxford World's Classics ou Cambridge Greek and Latin Classics. Fonte senatorial indispensável, literária e politicamente interessada.

Casson, Lionel, ed. e trad. *The Periplus Maris Erythraei*. Princeton: Princeton University Press, 1989. Edição comentada padrão do guia marítimo.

Sima Qian. *Records of the Grand Historian*. Trad. Burton Watson. New York: Columbia University Press, vários volumes. Tradução literária acessível, a ser usada com estudos e índices.

Ban Gu. *Hanshu*, especialmente capítulos sobre Xiongnu e Regiões Ocidentais. Consultar traduções acadêmicas parciais e o Chinese Text Project para o texto chinês.

Fan Ye. *Hou Hanshu*, capítulo 88 sobre Regiões Ocidentais. Trad. anotada em John E. Hill, *Through the Jade Gate to Rome*. Charleston: BookSurge, 2009. Útil, mas deve ser conferida com estudos sinológicos.

Sims-Williams, Nicholas; Cribb, Joe. Tradução e comentário da inscrição de Rabatak no artigo citado acima. Evite reproduzir a tradução integral sem verificar direitos editoriais.

Fontes digitais, cursos e documentários sérios

Portais de fontes romanas

Perseus Digital Library - <https://www.perseus.tufts.edu/> . Textos gregos e latinos, traduções e ferramentas lexicais. Verifique edição e data da tradução antes de citar.

Papyri.info - <https://papyri.info/> . Agrega papiros publicados com metadados e correções. Excelente para pesquisa, mas exige familiaridade com abreviações editoriais.

Epigraphic Database Heidelberg - <https://edh.ub.uni-heidelberg.de/> . Inscrições latinas com referências, proveniência e, em muitos casos, imagens.

Vindolanda Tablets Online - <https://vindolanda.csad.ox.ac.uk/> . Projeto da Universidade de Oxford com imagens, leituras e comentários de tabuinhas da fronteira britânica.

Trismegistos - <https://www.trismegistos.org/> . Metadados integrados de textos do Egito e do mundo antigo; parte dos recursos avançados pode exigir acesso institucional.

Pártia e Irã

Encyclopaedia Iranica - <https://www.iranicaonline.org/> . Artigos assinados e bibliografias sobre arsácidas, sassânidas, cidades, línguas e títulos. Comece por “Arsacids”, “Parthia”, “Ctesiphon” e “Kushan Dynasty”.

The World between Empires, Metropolitan Museum - https://www.metmuseum.org/art/metpublications/The_World_between_Empires_Art_and_Identity_in_the_Ancient_Middle_East . Catálogo acadêmico gratuito sobre o Oriente Médio entre Roma e Pártia, c. 100 a.C.-250 d.C.

The Parthian Stations of Isidore of Charax, edições digitais de domínio público - use como fonte antiga com comentário moderno; não adote identificações geográficas antigas sem verificação.

Han e Ásia Central

Chinese Text Project - <https://ctext.org/> . Corpus pesquisável de textos chineses, incluindo Shiji e Hanshu. A qualidade e completude das traduções varia; cite o texto, capítulo e edição acadêmica quando possível.

Silk Road Seattle, University of Washington - <https://depts.washington.edu/silkroad/> . Ensaios, mapas e traduções, incluindo Hou Hanshu e Weilue. Portal educacional universitário, não substituto de edição crítica.

International Dunhuang Programme - <https://idp.bl.uk/> . Imagens e catálogos de manuscritos e objetos das rotas da Ásia Central, mantidos por instituições parceiras.

Harvard China Historical GIS - <https://chgis.fas.harvard.edu/> . Dados geográficos históricos; confirme o período e a incerteza de cada localização.

Cuchanas e Gandara

Encyclopaedia Iranica, série “Kushan Dynasty” - <https://www.iranicaonline.org/articles/kushan-dynasty-i-history/> . História dinástica, inscrições, cronologia, moeda e arqueologia com bibliografia especializada.

British Museum Collection - <https://www.britishmuseum.org/collection> . Pesquise “Kushan”, “Kanishka”, “Gandhara” e filtre por licença e proveniência. A página do objeto fornece número de inventário para legenda.

American Numismatic Society, MANTIS - <https://numismatics.org/search/> . Catálogo de moedas com metadados e imagens; útil para séries cuchanas, partas e romanas.

Gandhari.org - <https://gandhari.org/> . Catálogo e recursos sobre manuscritos gandarís, mantidos por pesquisadores; exige atenção a transliteração e descrição do objeto.

Rotas da seda e oceano Índico

UNESCO Silk Roads Programme - <https://www.unesco.org/en/silkroads> . Sínteses, mapas e publicações. Use os artigos assinados e volumes acadêmicos; páginas promocionais não devem ser a única referência.

Metropolitan Museum, “Trade between the Romans and the Empires of Asia” - <https://www.metmuseum.org/essays/trade-between-the-romans-and-the-empires-of-asia> . Introdução visual aos cinco grandes poderes e às rotas terrestres e marítimas.

Berenike Project - procure as páginas institucionais das universidades responsáveis e publicações de Steven Sidebotham. Relatórios arqueológicos são mais confiáveis que reconstruções turísticas do porto.

Cursos e aulas abertas

Open Yale Courses, Roman Architecture, com Diana E. E. Kleiner - <https://oyc.yale.edu/history-of-art/hsar-252> . Curso universitário completo; excelente para cidades, monumentos e poder, embora não cubra sozinho a história política.

Metropolitan Museum e British Museum - palestras de curadores e playlists oficiais sobre “World between Empires”, moedas e Gandara. Prefira vídeos com nome do especialista, objeto identificado e bibliografia.

Institute for the Study of Ancient Cultures, University of Chicago - <https://isac.uchicago.edu/> . Publicações e palestras sobre Irã, Mesopotâmia e Ásia Central.

Smarthistory - <https://smarthistory.org/> . Introduções revisadas por especialistas a Han, Roma e arte budista; use como porta de entrada visual e avance para monografias.

Documentários e séries

Meet the Romans with Mary Beard. BBC, 2012. Série de história social baseada em inscrições, tumbas e cidades. Verifique disponibilidade legal na região.

Mary Beard's Ultimate Rome: Empire Without Limit. BBC, 2016. Síntese temática sobre integração e diversidade; confronte suas teses com a bibliografia.

The Story of China, com Michael Wood. BBC/PBS, 2016. Série ampla; episódios iniciais fornecem contexto para Qin e Han, com participação de pesquisadores e sítios.

The Silk Road, com Sam Willis. BBC, 2016. Visualmente útil para geografias e objetos, mas a narrativa linear deve ser corrigida pelo conceito de redes deste volume.

The World between Empires: Art and Identity in the Ancient Middle East. Palestras e vídeos do Metropolitan Museum ligados à exposição de 2019. Formato de aula curatorial, mais seguro para Pártia, Palmira e Hatra que documentários dramatizados.

Como avaliar um documentário

1. Identifique emissora, produtora, ano e especialistas entrevistados.
2. Verifique se objetos e sítios recebem nome, data e proveniência.
3. Diferencie reconstrução dramática de evidência.
4. Anote toda afirmação quantitativa ou absoluta e confirme em obra acadêmica.
5. Desconfie de títulos como “segredo revelado”, “civilização perdida” ou “o império que a história escondeu”.
6. Observe se povos intermediários aparecem como agentes ou apenas cenário.
7. Use documentário para formular perguntas; use livros, artigos e fontes para sustentar respostas.

Roteiro de navegação segura e produtiva

Comece por uma síntese universitária; escolha um capítulo; abra uma fonte primária; consulte catálogo de museu; leia um artigo especializado; registre controvérsia e vocabulário. Salve referência completa no momento da leitura. Para imagens, registre instituição, inventário, licença, autoria da fotografia e link permanente.

Evite baixar livros e documentários de fontes não autorizadas. Bibliotecas públicas e universitárias, Internet Archive quando o empréstimo é legal, portais de editoras e museus oferecem caminhos responsáveis. Uma boa postagem não precisa citar dezenas de obras; precisa citar as obras certas e mostrar como foram usadas.

Continuação da coleção

O Volume 5 acompanhará o mundo entre aproximadamente 224 e 650 d.C.: Roma tardo-antiga e Bizâncio, o Império Sassânida, os Gupta, novas confederações das estepes e a transformação das rotas afro-urasiáticas. O foco será a sobrevivência de tradições imperiais, a expansão de religiões universais, as migrações, as guerras romano-sassânidas e a formação do mundo medieval inicial.